Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sexta-feira **31.5.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 652 / **€ 1,80** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

JOVENS "NEM-NEM" AUMENTARAM, MAS PORTUGAL CUMPRE META DA UE

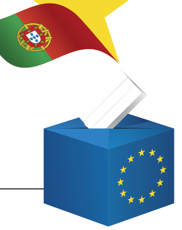
RELATÓRIO Cerca de 140 mil jovens portugueses – 8,9% da população entre os 15 e os 29 anos – não estudavam nem trabalhavam em 2023. Este valor representa um aumento de 0,5 pontos percentuais em relação ao ano anterior. Na União Europeia a taxa é de 11,2% de jovens nestas condições.

PÁG. 17

PEDRO FIDALGO MARQUES

CANDIDATO DO PAN

"É preciso que as pessoas percebam: o discurso de ódio mata. Tem de haver linhas vermelhas" PÁGS. 4-7



GLEISI HOFFMANN

PRESIDENTE DO PT BRASILEIRO

"O Chega fora do governo é alívio, com essa gente não se brinca" PÁGS. 18-19

ANTONIO MONEGAL

PROFESSOR CATEDRÁTICO DE LITERATURA

"As guerras culturais são normais, porque para mim a cultura tem um carácter essencialmente político" PÁGS. 24-25

SAÚDE MENTAL

Maioria das medidas existe, mas falta investimento

PÁG. 12-13

ARRAIAIS

O roteiro em Lisboa

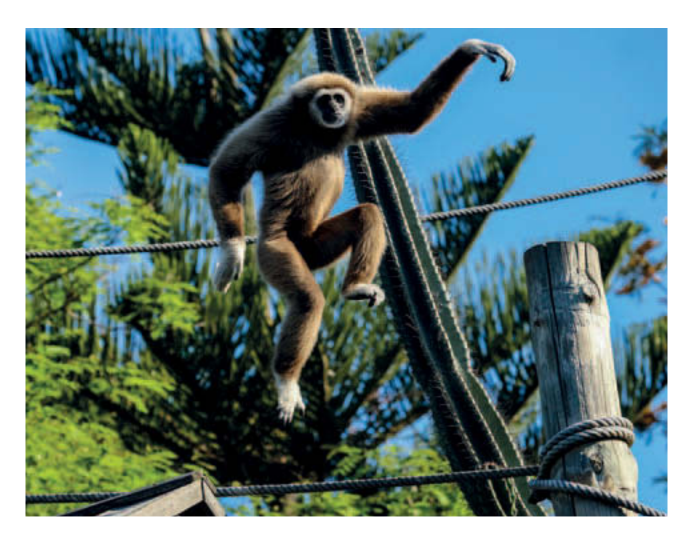
PÁG. 27

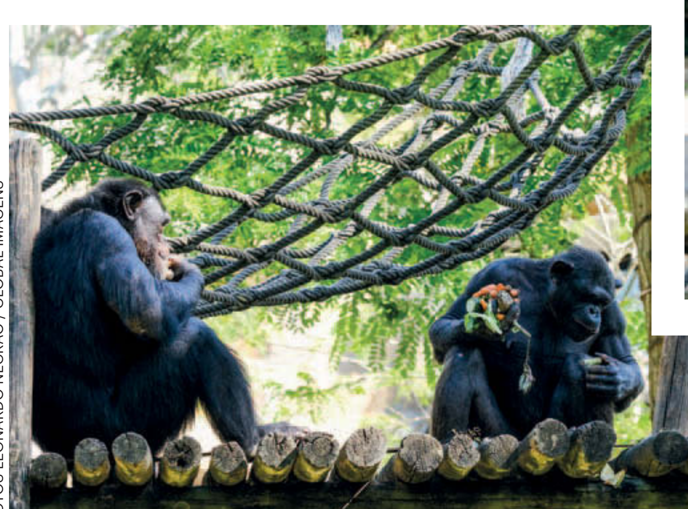














FOTOS LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

OS BASTIDORES DO ZOO DE LISBOA

2000 ANIMAIS
100 MIL CRIANÇAS VISITANTES

PÁGS. 14-15



Editorial

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Os cães ladram e a caravana passa

Na véspera de se completar o prazo de 60 dias indicado por Luís Montenegro como meta para apresentar um conjunto de medidas em áreas que definiu como prioritárias, é difícil não reconhecer que há no ar um aroma de espírito reformista. Não é certo ainda, mas a avaliar pelos compromissos assumidos e cumpridos – mesmo descontando o facto de estarmos em campanha eleitoral – é bem possível que esse seja um bom prenúncio.

Hoje, 59 dias desde a tomada de posse do Governo, foram apresentados planos para áreas complexas como a dos impostos (IRS), a da Habitação, a da Juventude e, na passada quarta-feira, o Plano de Emergência para a Saúde.

Com pouco mais de um mês de funções, o ministro da Educação, Fernando Alexandre, conseguiu um acordo com sete das 12 estruturas sindicais dos professores sobre a recuperação dos anos de serviço, há 20 anos reivindicada.

Da área da Justiça, segundo avançou a ministra Rita Júdice, o "pacote anticorrupção" está numa "reta finalíssima", admitindo que pode ser aprovado no Conselho de Ministros do próximo dia três de junho, na segunda-feira. No discurso de tomada de posse, a dois de abril, Luís Montenegro prometera "no prazo de dois meses ter uma síntese de propostas, medidas e iniciativas que seja possível acordar e consensualizar, depois de devidamente testada a sua consistência, credibilidade e exequibilidade". Um mês depois, a três de Abril, no primeiro Conselho de Ministros, a ministra da Justiça foi mandatada para falar com todos os partidos com assento parlamentar, agentes do setor e sociedade civil com vista à elaboração de um pacote de medidas contra a corrupção.

Nesse mesmo dia três de junho, outra mulher do Governo vai estar pressionada para dar uma boa notícia ao primeiro-ministro: na Administração Interna, Margarida Blasco reúne com o sindicatos da PSP e as associações da GNR para a que se espera ser a última ronda de negociações sobre o aumento do subsídio de risco. A distância é grande entre a proposta de Blasco (somar 180 euros à componente fixa de 100 euros , mantendo mais os 20% do salário da componente variável) e a da Plataforma Sindical (adicionar 300 euros à componente fixa e aumentar mais 312 nos próximos dois anos).

Ou seja, os sindicatos dos polícias reivindicam um aumento de 612 euros nos seus salários, ficando com um subsídio de risco de mais de 700 euros. Para já, não foi proposta a eliminação de nenhum dos vários suplementos que auferem.

Na tomada de posse do novo diretor nacional da PSP, Luís Montenegro assegurou que o Governo pretendia dar "boa sequência" às negociações com as forças de segurança, mas advertiu contra "cenários irrealistas", como é o da equiparação ao suplemento de missão da Polícia Judiciária (os inspetores recebiam 478 euros e somaram mais 548, totalizando 1026 euros a juntar ao respetivo salário). O primeiro-ministro logo lembrou que "são centenas de milhares de prestadores de serviço público, em varias áreas, que se encontram na mesma circunstância", avisando que "qualquer alteração provoca uma mexida muito substancial nas nossas contas e na nossa gestão orçamental".

Na verdade, admitindo que Margarida Blasco tenha folga para subir aos 250 / 300 euros, para salários médios na casa dos 1200 euros dos agentes e guardas, que são a maior fatia da PSP e GNR, representa um aumento de 25%. Possivelmente, o acordo, tal como aconteceu na Educação, não terá a assinaturas de todos os sindicatos, mas neste caso, bastará que os mais representativos o façam. Por muito ruidosos que possam ser em eventuais protestos dos tais "movimentos inorgânicos", serão sempre uma minoria. Além de que, o novo diretor nacional já deu sinais de que a sua tolerância com farsas de doenças e desvios à legalidade vai ser zero.

Resta ainda o Plano de Ação para as Migrações, nas mãos do ministro da Presidência, Leitão Amaro, que estará por dias também. "Tem de ser regulada, atrativa para profissionais qualificados, proativa com os jovens estudantes e capaz de reunir famílias, melhorando a sua integração na nossa comunidade", garantiu Montenegro. "Queremos um país humanista e acolhedor, que não está nem de portas fechadas, nem de portas escancaradas", disse. O como e em que condições está por saber, sendo que qualquer "plano" que não imponha um travão nas entradas ilegais que enchem os bolsos das redes criminosas, será inútil. A legislação terá de ser mudada no que respeita às tais "portas escancaradas", com são os artigos que permitem a regularização em território nacional, independentemente da entrada ilegal.

Claro que é preciso dar tempo ao tempo para se ter noção do impacto destas decisões na vida de todos nós, mas para os portugueses, para variar, a sensação de um governo começar logo a cumprir promessas e não deixar arrastar os problemas – principalmente os que alimentam os extremismos, como é a imigração - cria confiança nas instituições e no sistema político. Para isso, é preciso que o segundo maior partido assuma responsabilidades e coloque os interesses do país acima da sua agenda política – principalmente a do seu líder Pedro Nuno Santos, ainda um pouco ziguezagueante e colocado entre a espada e a parede por Marcelo Rebelo de Sousa. Resolver os problemas das pessoas, passo a passo, é a melhor arma contra o populismo. Depois, venham os insultos, as interrupções, os ataques no parlamento. Porque vai valer o ditado: os cães ladram e a caravana passa. Num governo minoritário, a prova de vida não se faz com anúncios ou palavras, mas com ações e resultados.

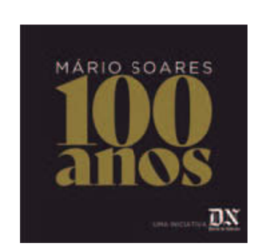
OS NÚMEROS DO DIA

1,3%
DE CRESCIMENTO
é o valor revisto, em baixa, da economia dos Estados Unidos no 1.º trimestre, após uma primeira estimativa de 1,6%. Segundo os dados divulgados ontem, os gastos dos consumidores aumentaram, mas a um ritmo mais lento do que o previsto anteriormente.

14
ATIVISTAS
pró-democracia estão detidos em Hong Kong pelo regime do Partido Comunista Chinês, acusados de subversão ao abrigo da Lei de Segurança Nacional, tendo o Governo de Londres apelado ontem às autoridades daquela antiga região administrativa britânica para que sejam libertados.

108
OFICIAIS DE JUSTIÇA
vão ser recrutados "de imediato", segundo anunciou ontem o Governo, para fazer face às necessidades do Sistema Judiciário e responder às reivindicações do setor.

63
MIL MILHÕES
de euros é quanto a guerra na Faixa de Gaza vai custar a Israel, em despesas diversas, segundo as estimativas do governador do Banco Central deste país. O valor foi divulgado ontem por Amir Yaron numa conferência universitária, acrescentando que não incluem a perda de receitas fiscais devido à ausência de trabalhadores recrutados para a guerra.





Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.





PEDRO FIDALGO MARQUES

"É preciso que as pessoas percebam: o discurso de ódio mata. Tem de haver linhas vermelhas"

Para o candidato do PAN, a União Europeia deve olhar mais para os animais e para os oceanos. "É algo" que não se pode "deixar para trás", diz. Mostra-se a favor do alargamento do projeto europeu, até como forma de "garantia de liberdade e de acesso a direitos humanos" aos países candidatos. Mas, no mandato que terminará em 2029, Pedro Fidalgo Marques aponta baterias a outro inimigo: a extrema-direita e os partidos populistas radicais.

ENTREVISTA **RUI MIGUEL GODINHO** FOTOS **PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS**



PERFIL

Pedro Fidalgo Marques, 39 anos, é o cabeça de lista do PAN às eleições europeias. Descrito como "empreendedor social e cultural", é licenciado em Dança e pós-graduado em Ciência Política. Natural de Oeiras, foi eleito em 2017 para a Assembleia da União de Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias. Foi ainda vogal, vice-presidente e tesoureiro da direção da Liga para a Proteção da Natureza, entre 2013 e 2018. Nas eleições legislativas de 10 de março, foi terceiro pelo círculo eleitoral de Lisboa. Estreia-se agora como cabeça de lista numas eleições europeias.

O mandato para o qual quer ser eleito tem o final apontado para 2029, perto do ano-chave de 2030. Que tipo de Europa deseja nesse ano?
Temos de ter uma Europa mais verde e mais justa. Os dois eixos são essenciais. Temos de trabalhar, essencialmente, para uma Europa com futuro. E nós temos aqui, na nossa sede, o nosso relógio com o ponto de não retorno. Acredito que já ouviu falar disso, mas para quem não sabe o que é: o ponto de não retorno fundo acaba por ser aquele ponto onde já não podemos fazer mais nada para combater as alterações climáticas. Daí o nome. Olhando para ele, vê-se que faltam, justamente, 5 anos e 2 meses, 62 dias. No fundo, o final deste mandato do Parlamento Europeu vai coincidir com o ponto de não retorno. Por isso, este mandato é fundamental. E quando se fala da importância, porque têm as pessoas de ir votar, é porque, neste mandato, vamos ter de fazer a diferença, tanto no combate às alterações climáticas, como na questão também da proteção e do bem-estar animal, que para o PAN é essencial. A realidade é que somos o único partido que se apresenta às eleições de Portugal com essa preocupação e prioridade. Analisando alguns dos programas, os dos principais partidos, há alguns em que nem sequer consta a palavra "animal". E mesmo na família dos Verdes europeus, nós somos o único partido que tem essa preocupação do bem-estar animal.
Tinha aqui uma questão, que acho que tem sido pouco falada. Ou pouco abordada, se quisermos, que é a questão da preservação das espécies, sejam animais ou vegetais. Acho que falta olhar para isto a nível europeu?
Foram criados alguns mecanismos nos últimos anos, como o Pacto para a Estratégia da Biodiversidade, o Pacto Ecológico, que inclui um conjunto de diretivas, mesmo até a Estratégia para os Polinizadores. Recentemente, assinalámos o Dia Mundial da Abelha. Mas é preciso ir mais longe e é preciso garantir que é implementado. Por exemplo, no caso das abelhas, estamos a falar de mais de 80% da alimentação de origem vegetal que nós temos, que é polinizada por abelhas. Se deixarmos de ter abelhas, deixamos de ter grande parte da nossa alimentação. Mesmo em termos quando olhamos para a Política Agrícola Comum (PAC), por exemplo, que o PAN defende que deve ser...
Já lá vamos.
Nesta perspetiva, pode servir e deve servir também mais para uma preservação das espécies. O PAN pretende, por exemplo, criar um tratado para os oceanos, porque fica para trás a parte das espécies marinhas e dos oceanos, que no fundo são o maior sumidouro de carbono. Quando falamos de absorção de carbono, são os nossos oceanos que mais o fazem. E isso é algo que não podemos deixar para trás, nem po-



"O dia em que [a União Europeia] se fechar sobre si própria será o dia em que começa a caminhar para o seu fim."



"Temos de perguntar aos candidatos dos partidos mais conservadores e de direita se aquilo que não é não em Portugal também o será na Europa."

"(...) Existem mecanismos de regulação da imigração. Ninguém está a dizer que vamos ter as portas escancaradas. Isso não acontece agora, não é isso que vai acontecer no futuro."

demos permitir, por exemplo, que Von der Leyen ou outros políticos europeus caiam em tentação, só porque têm algum inconveniente, de querer abrir caça a algumas espécies, como ela queria fazer com os lobos.

Falou na Política Agrícola Comum. Faço já essa ponte. Deve ser revista? Deve ser totalmente reformulada? Qual é a sua posição?

A PAC deve ser reformulada até para mudar todo o princípio de passar de uma Política Agrícola Comum para uma Política Alimentar Comum. O foco deve estar na nossa autonomia alimentar e, até, na nossa segurança alimentar. Quando falamos dos nossos cidadãos, falamos de garantir que temos uma alimentação saudável, sustentável, de futuro. E há algumas medidas principais, por exemplo, logo em termos de reestruturação da PAC. Deve deixar de privilegiar a área, que é o que acontece agora, ou seja, as grandes produções, e passar a privilegiar a agricultura de precisão, a agricultura biológica e orgânica, e a agricultura que, no fundo, tenha esta preocupação da biodiversidade. Os agricultores podem ser um dos nossos melhores parceiros em termos de preservação da natureza, o que já acontece. Temos exemplos em Portugal, um deles conheço bem, em Castro Verde, que é um projeto até em terrenos geridos pela Liga para a Proteção da Natureza, em que os agricultores que arredam os terrenos têm obrigações. Têm obrigações, e, no fundo, de cumprir um caderno de encargos. Neste caso, de conservação da natureza, que a PAC já prevê, chamado serviço de ecossistemas. No fundo, eles recebem compensações por preservar, por exemplo, uma ave, no caso de Castro Verde, é a abetarda, que nidifica naqueles terrenos, e eles vão ter cuidado quando estiverem a trabalhar os terrenos para não prejudicar a parte da nidificação. Mas podemos estar a falar de uma espécie vegetal, de flora, ou mesmo animal, e a PAC pode ter essa preocupação, no fundo, mudando toda esta dinâmica, passando para ter mais esta questão de autonomia e segurança alimentar, e protegendo as boas práticas, em detrimento de ser apenas uma questão económica de área e superfície.

Deve a UE assegurar que os agricultores possam fazer uma agricultura mais sustentável? Como é possível? O que acha que deve ser criado neste campo?

Devemos pensar em estratégias a médio-longo prazo. Sabemos que vamos ter de enfrentar esta transição climática e que vamos ter de adaptar alguns meios de produção, inclusive em termos da pecuária. Por exemplo, o PAN é contra o transporte de animais vivos, porque consideramos que a forma como isso se faz é totalmente indigna. E até por uma questão de segurança alimentar. Muitas vezes as condições em que são transportados... Chegam doentes com vários problemas de saúde e isso irá transpor-se para a nossa saúde. E, por isso, temos de fazer esta transição até para métodos mais biológicos e sustentáveis. Mas isso, da pergunta que me fez, vem de uma questão de segurança. Temos de planear, ter estas regras claras, para os próprios agricultores se poderem adaptar. Já sabemos que temos de adaptar a nossa agricultura, mesmo em Portugal, mesmo em relação à seca extrema, com todo o problema da água. Em relação, até, a qual será o melhor tipo de investimento que devemos fazer. Por exemplo, neste momento os apoios que são dados às leguminosas, são cerca de 2%, mas todos os estudos dizem que as leguminosas, são algo em que todos devemos apostar mais. Os economistas dizem que é uma área da agricultura que até terá uma maior rentabilidade do que, por exemplo, a produção pecuária ou a produção de outros vegetais, como hoje em dia está a ser feito. Mas voltamos ao mesmo: à saúde humana. Todos sabemos que é necessário reduzirmos o consumo da carne. Isso está na liberdade de cada um. Mas, para a saúde, todos os médicos dizem que comemos carne em excesso, e que devemos investir nesta proteína vegetal.

Falando na segurança alimentar, deve a UE ser mais resiliente para enfrentar crises? Como se pode tornar assim, na questão alimentar?

Na questão alimentar, e mesmo noutras questões de proteção das populações, voltamos claro à pergunta anterior que tem a ver com a biodiversidade. Com as alterações climáticas, sabemos que tem havido um maior risco de fenómenos climáticos extremos, tempestades, furacões, ventos extremos, inundações, seca severa extrema. Uma biodiversidade mais robusta, e aqui falamos de fauna e flora, permite-nos ter uma maior resiliência a esses fenómenos climáticos extremos. E temos visto que, nos locais onde há uma maior perda de biodiversidade, estão expostos em mais de 80% a esses fenómenos climáticos extremos. Isto passa, essencialmente, por olhar para a Europa como uma única Europa, até na política em termos da saúde, quando falava da saúde humana, da saúde ambiental, da saúde dos animais, ou seja, uma única saúde, é a mesma coisa como uma única Europa. Não podemos olhar para a Europa e pensar só na parte das pessoas e na parte produtiva e económica, e só depois na parte da natureza. Temos de ter esta visão responsável, integrada, e estamos, para um dos fatores, a interligar os três. Tenho dito: não há natureza sem animais, mas também não há pessoas sem natureza e não há animais sem natureza. Por isso, temos

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

de olhar para esta perspetiva e isso é o que nos vai tornar mais resilientes. Voltamos ao mesmo, que é dar segurança às pessoas para saber qual será o seu futuro, que há esta esperança no futuro e como nos podemos preparar para o futuro sem estar sempre a correr atrás do prejuízo.

O pacto para as migrações tem também sido abordado. Já está aprovado, já está em vigor. Acha que deve ser revisto?

O pacto deve ser revisto e devemos ter atenção também à forma como é transposto para as legislações nacionais. Por exemplo, a Holanda quer ir muito além do pacto. Vimos que já está a pôr em causa a própria circulação dos cidadãos europeus, a dizer que queria ter cidadãos de primeira e de segunda, que consoante as migrações de trabalho poderia querer limitar a circulação. Eu disse isto nos debates e disseram que era utópico. E isso é algo para o qual o PAN tem alertado e que, como vemos nas notícias, infelizmente, vem-nos dar razão.

Como deve então a UE enfrentar essas questões?

Temos de perceber que já existem mecanismos de regulação da imigração. Ninguém está a dizer que vamos ter as portas escancaradas. Isso não acontece agora, não é isso que vai acontecer no futuro. Mas temos regras. Por exemplo, em Portugal já temos um visto de 6 meses para a pessoa vir procurar trabalho. Se não tem esse trabalho, se não o encontrar, terá de voltar ao seu país de origem. E isso já está previsto. As regras que estamos a impor em termos de migração não podem ser desumanas. Não podemos ter os barcos no mediterrâneo com catástrofes humanitárias. Ou como o que se coloca no pacto, que é comunicar esses barcos a países como a Líbia e enviar as pessoas para os países de que elas estão a fugir. Não podemos falar de detenção de crianças. Não podemos falar de detenções aleatórias simplesmente porque a pessoa não tem documentos e pode ser detida até 5 dias. Nem dar um preço à vida humana. No fundo, o que o pacto prevê é que, desde que se pague, um país pode nunca receber refugiados ou imigrantes, porque os envia para outro país. A vida humana não pode ter um valor. E não lhes podemos estar a dar esse valor. É essa a questão que tem de ser encarada. Há esta tendência, às vezes, de tentar ir pelo medo. Muito na ótica de "vamos abrir as portas e vamos deixar entrar os migrantes todos". Não é isso que está em causa. Nunca foi. Nós já temos regras definidas. Nós temos é de cumprir as regras. Agora, podemos estar a caminhar para esta política de medo e de ódio em que, no fundo, vamos estar a criar condições desumanas a pessoas que simplesmente vêm à procura de um trabalho e de melhores condições de vida.







"O Estado de direito [na União Europeia] deve ser salvaguardado e, quando não o é, devem ser aplicadas fortes sanções e rápidas a estes países."



"Temos de pensar que, se o clima mudou, a política tem de mudar. E é esse o caminho que temos de fazer. Isso também se faz travando a extrema-direita."

Como pode a UE preparar-se para as acolher, então?

Devemos ter capacidade de integração. Por exemplo, e como o PAN já tem defendido, em Portugal, o ensino da língua, no nosso caso, o ensino do português. Perceber, até, em termos de competências. No Fundão, onde há 74 nacionalidades de diversas competências, ou seja, de pessoas que podem ser até de um setor mais terciário, com maior formação, como pessoas que estão a trabalhar em fábricas e na indústria. E, por isso, é necessário haver esta capacidade de integração e evitar o que, muitas vezes, tem sido ,até, a política de habitação social em Portugal nos últimos anos, que é a da guetização. Porque, no fundo, vamos estar a fazer o contrário do que temos de fazer, que é pôr as pessoas de parte e isso irá criar maior clivagem em vez de estarmos a integrar pessoas que vêm para trabalhar, que contribuem para a nossa segurança social e têm contribuído positivamente para a nossa sociedade.

Falou na habitação. Não é uma competência do Parlamento Europeu legislar sobre o setor, mas acha que deve ser criada uma estratégia pública para o setor? De modo a salvaguardar, por exemplo, as questões mais económicas que lhe estão associadas.

Isto é um exemplo que muitos temos dado, mas que começo por reforçar. Também não era competência da União Europeia a questão das vacinas e fê-lo muito bem. Se nós temos uma emergência ou temos esta questão da crise de habitação na UE (porque é algo que em Portugal é bastante vincado, mas também o é em toda a Europa), a União deve ter uma obrigação de dar esta resposta às pessoas. No fundo, o projeto europeu surgiu como um projeto de paz e de procura de melhor bem-estar para as pessoas. A habitação está, por isso, em causa. A União Europeia pode ter uma perspetiva em termos de política monetária. Sabemos que o Banco Central Europeu tem a sua autonomia, mas deve haver este caminho de perceber que não podemos estar reféns das taxas de juro porque, no fundo, quem vai sofrer são as pessoas e são os seus bolsos, no dia-a-dia. Quando falamos agora do novo quadro plurianual, deve haver este forte investimento em habitação pública e quando é habitação pública não é só habitação social, é habitação de renda acessível que vai permitir às pessoas de classe média – que é quem neste momento acaba por estar em maior fragilidade – ter acesso a uma casa. Isso, inclusive, iria dinamizar o mercado na ótica da oferta e da procura. Porque em vez de apostar na austeridade, o Estado estaria a apostar no investimento e a investir em habitação pública que vai dar uma resposta de habitação e dinamizar o mercado. Isto não tira nenhuma responsabilidade aos governos nacionais porque a UE pode dar este incentivo. Mas é uma responsabilidade dos governos nacionais, como se vê com o *Mais Habitação* [programa do PS] e o *Construir Portugal* [programa do Governo]. Até agora, no terreno, nenhuma pessoa viu nenhum efeito prático do que é isto. E, na habitação, o que precisamos é de mais ação e precisamos de ver medidas concretas no terreno.

Falou no novo quadro plurianual. Acha que deve ser revisto para incluir essas medidas? Acha, por outro lado, que é mais penalizador para países como Portugal, que não é das maiores economias europeias?

A revisão do Pacto de Solidariedade e Crescimento, que esteve suspenso com a covid e, depois, com a guerra na Ucrânia, já previu alguma flexibilização na ótica de incorporar realidades nacionais porque, antes, era algo que era taxativo para toda a Europa. No entanto, voltamos à política e a este binómio de défice-dívida – que não faz sentido. Ou seja, temos de apostar muito mais no investimento e, inclusive, deve haver algumas áreas de investimento em que, se temos metas para cumprir na UE, temos de considerar se o investimento feito para essas metas deve ser contabilizado para a dívida para o défice, quando falamos de metas da habitação, por exemplo, ou até de transição climática. Eu já disse isso e, na altura, tentaram desmentir-nos a dizer que já estava previsto. Isso já está previsto para três ou quatro países como a Irlanda, como a Suécia, ou seja, países que têm outro tipo de economias. E, se for preciso, depois há países que até podem ter alguma facilidade e Portugal está nos países vermelhos. E depois dizem: sabemos que têm de atingir as metas climáticas, sabemos que têm problema grave da habitação, mas não têm margem nenhuma para fugir à questão do défice da dívida. Isso é algo que tem de ser revisto e repensado porque voltamos a ficar presos a esta austeridade e estamos no sentido contrário ao que o PAN defende: um investimento para a transição verde, um investimento nas necessidades das pessoas, da biodiversidade e dos animais.

Queria abordar a área da defesa. Apesar de ser uma área de soberania nacional, a verdade é que tem sido uma questão que tem surgido devido aos conflitos na Ucrânia e depois em Gaza. Acha que deve ser criada ou melhorada a estratégia de defesa comum que existe na União? Deve haver um reforço das indústrias de defesa na UE?

Tem de haver a capacidade de a Europa falar a uma só voz. Não quer dizer que isso não tenha acontecido, mesmo até em termos de diplomacia. O que está a acontecer, por exemplo, em Gaza é um genocídio. É uma atrocidade que está a pôr em causa todos os valores que defendemos. Estão pessoas a morrer. Estamos a contaminar aqueles solos de uma forma em que, se calhar, ninguém vai conseguir viver naquelas zonas. E a União Europeia ainda não foi capaz de falar uma só voz. Mesmo em relação à Ucrânia, temos algumas divergências. É esse caminho que temos de conseguir falar, enquanto projeto de paz, de bem-estar com as pessoas e de integração. Temos de conseguir sentar-nos à mesa e falar a uma só voz. Depois, em termos de defesa, temos de ter a capacidade de ter uma resposta rápida em caso de alguma necessidade. O PAN tem o princípio da não-violência, mas somos pragmáticos a perceber que o mundo que chegou hoje em dia mudou. Temos realmente um Estado autocrático com laivos que nem sei categorizar, que põe em causa todo o nosso modo de estar, toda a nossa liberdade e democracia. Em que não há liberdade de imprensa, em que não há liberdade de associação, em que qualquer entidade estrangeira que possa querer ter, por exemplo, uma ONG a operar no terreno. Neste caso, da Rússia, isso não é possível. O problema é que isto tem-se expandido, por exemplo, à Geórgia. Foi agora aprovada uma lei [dos Agentes Estrangeiros], que até a própria Presidente da Geórgia é contra, tal como a população, e está a restringir estes direitos num cami-



trocesso do que temos vindo a fazer em termos de transição climática. Tem havido uma agenda mesmo, até, do próprio Partido Popular Europeu (de PSD e CDS) de travar políticas ambientais. Quando falamos em política de bem-estar animal, isso seria algo escabroso, porque há, claramente, uma agenda anti-transição climática e anti-bem-estar animal. Por exemplo, nunca conseguiríamos terminar com os 16 milhões de euros que, em Portugal, são canalizados para a tourada. Nessa ótica, o PAN tem proposto o Comissário do Bem-Estar Animal, que é fundamental, para conseguirmos garantir que há uma defesa da causa animal. É preciso fazer este caminho para garantir a conservação da biodiversidade, o bem-estar e a proteção animal. Temos de pensar que, se o clima mudou, a política tem de mudar. E é esse o caminho que temos de fazer. Isso também se faz travando a extrema-direita. No dia 9 de junho, as pessoas têm de estar muito conscientes de que, para conseguir travar isso, o voto tem de ser em forças responsáveis, credíveis, que tenham esta visão integrada da política da Europa e que apenas o PAN apresenta. Apenas o PAN equilibra os três pilares: olhar para as pessoas, crianças, mulheres, homens, para os animais e a biodiversidade e para a natureza.

Outra das questões que marcará o mandato é a questão do alargamento. Como pode a União preparar-se para esse alargamento? Até tendo em conta o que já falámos sobre a Geórgia [que tem estatuto de candidato] e a questão, também, dos refugiados e das migrações.

A UE tem previsto o alargamento dos seus tratados. O dia em que se fechar sobre si própria será o dia em que começa a caminhar para o seu fim. Como um projeto de paz e de integração deve estar sempre disponível para o alargamento. Os princípios da declaração de Copenhaga definem claramente quais são os passos e os critérios que um país tem de cumprir para entrar. Desde que os países candidatos façam todos os passos e cumpram todos os critérios necessários ao alargamento têm todo o direito a poder entrar. Nem faria sentido ao contrário estarmos a criar expectativas nestas pessoas. Por exemplo, a Macedónia trocou o nome para Macedónia do Norte para evitar o veto da Grécia devido a esta questão. Estamos a falar, realmente, nesta perspetiva de o alargamento ser o encontro do projeto de paz que é a UE. Trazer estas pessoas e estes países para a União é continuar esta integração, é fortalecer e reabastecer um mercado único e é continuar o caminho de paz, inclusive de garantia de liberdade e de acesso a direitos humanos destes países. O alargamento é algo que o PAN defende e que irá sempre defender.

rui.godinho@dn.pt

nho contrário ao caminho que a própria Constituição georgiana defende, que é a integração europeia. Mesmo dentro da UE há países a seguir este caminho, como a Hungria. Mesmo a própria Polónia, às vezes, teve algumas questões de umas derivas já mais autoritárias. E é por este caminho que, quando estamos a falar de defesa, temos também de falar desta perspetiva. Estou a fugir um bocadinho à pergunta, mas já volto à defesa. O PAN defende que o Estado de direito deve ser salvaguardado e, quando não o é, devem ser aplicadas fortes sanções e rápidas a estes países. No caso da Geórgia já como candidato, mas mesmo noutros países da UE que violam o Estado de direito, não podemos permitir que se ponham em causa os princípios básicos e os valores da UE. Na questão da defesa, tem de haver este caminho comum de integração, que não passará, para já, pelo exército único europeu, mas por estas forças de resposta rápida e nesta integração. Quando falamos em indústria da defesa, o que se tem de ter em causa é que não poder existir este risco de aproveitamento da indústria da defesa para lucros. No fundo, quase criando este ciclo que está a querer continuar a guerra. No PAN (e isto tem causado algum burburinho), reconhecemos a gravidade da crise humanitária que a guerra causa, sabemos as vidas que se perdem no terreno, mas sabemos também que há aqui uma dimensão ambiental. No caso da guerra na Europa, o próprio Zelensky diz que os solos estão contaminados por dezenas de anos. Já fez um apelo urgente, alertando para a reconstrução das infraestruturas de saneamento básico, por exemplo. O PAN tem defendido que seja possível taxar ou, neste caso, que exista uma contribuição extraordinária sobre os lucros excessivos da indústria da guerra. No entanto, não faz sentido estar a taxar as empresas cegamente porque algumas têm várias valências. É, no fundo, para garantir que não há um aproveitamento da guerra, mas sim, pelo menos, esta contribuição extraordinária dos lucros excessivos, tal como existiu na energia e no setor alimentar, em alguns países. E é necessário que esses lucros sejam usados para apoiar e financiar ajuda humanitária, esta reconstrução e este apoio ambiental que não é algo que estamos aqui de Portugal a inventar. É algo do outro ponto da Europa. O próprio presidente Zelensky diz que é uma urgência e que é necessário.

Falou nesses estados autocráticos. O crescimento dos partidos mais radicais será um dos desafios do mandato? Como lidar com esta questão?

Com este crescimento da extrema-direita e destas forças mais conservadoras e populistas põe em causa vários direitos adquiridos. Temos falado muito dos direitos das mulheres. Nesse caso, o PAN apresentou uma proposta de lei da saúde da mulher. Falamos, por exemplo, na interrupção voluntária da gravidez. Não podemos retroceder. Mas falamos também, por exemplo, da pobreza menstrual. Em Portugal, há mulheres que não conseguem ter dinheiro para saúde feminina. Ou quando falamos da menstruação à endometriose, estamos a falar de direitos básicos das mulheres. E com este crescimento da extrema-direita podem ficar em causa. Mas, indo mais longe, até, com a questão do racismo, das minorias, ou de direitos LGBTI, em que vários países têm regredido e oprimido. Quando falamos na extrema-direita, falamos de um crescimento de um discurso de ódio que é perigoso e que mata. É preciso que as pessoas percebam: o discurso de ódio mata. Tem de haver linhas vermelhas sobre isto, no Parlamento Europeu. Temos de perguntar aos candidatos dos partidos mais conservadores e de direita se o "não é não" em Portugal também o será na Europa. Ursula von der Leyen tem tido esta tentação de falar com Meloni e com o Identidade e Democracia (I&D, família política a que pertence o Chega) para assegurar a sua reeleição. Isso é algo que deve ficar bem claro: se estão ou não de acordo e estão prontos para dar as mãos à extrema-direita. Mesmo quando falamos de extrema-direita e deste crescimento das forças conservadoras, falamos, também, de um re-



O PAN NAS EUROPEIAS

Fundado em 2009, o PAN concorreu, até agora, a apenas duas eleições europeias (2014 e 2019). Em 2014, com Orlando Figueiredo como cabeça de lista, não conseguiu eleger, sendo o 7.º partido (com 56.431 votos, pouco mais de 1,5%). No entanto, o destino foi diferente nas eleições seguintes, quando conseguiu eleger o seu primeiro eurodeputado (Francisco Guerreiro), naquele que foi o melhor resultado de sempre do partido numas europeias, com 168.372 votos. Contudo, o eurodeputado afastar-se-ia do partido por "divergências políticas", em 2020, mas manteve o seu lugar no Parlamento Europeu. Apesar das sondagens não lhe serem favoráveis, o PAN quer agora voltar a conseguir eleger.


1

TIAGO PETINGA/LUSA

1. Sebastião Bugalho (AD) em campanha na praia da Cova Gala, na Figueira da Foz.
2. João Cotrim Figueiredo (IL) em Caminha.
3. Ventura (Chega) numa ação de campanha em Estremoz.
4. Catarina Martins (BE) acompanhada por Fernando Rosas, no Forte de Peniche.
5. Francisco Paupério (LIVRE) na Associação Académica Coimbra.
6. Marta Temido (PS) durante a visita ao Parque Mineiro de Aljustrel.
7. Visita de Inês Sousa Real (PAN) à associação dos Amigos Picudos, na Maia.
8. João Oliveira (CDU) na Associação Africana no Bairro da Zona 4, no Barreiro.





2

HUGO DELGADO/LUSA



3

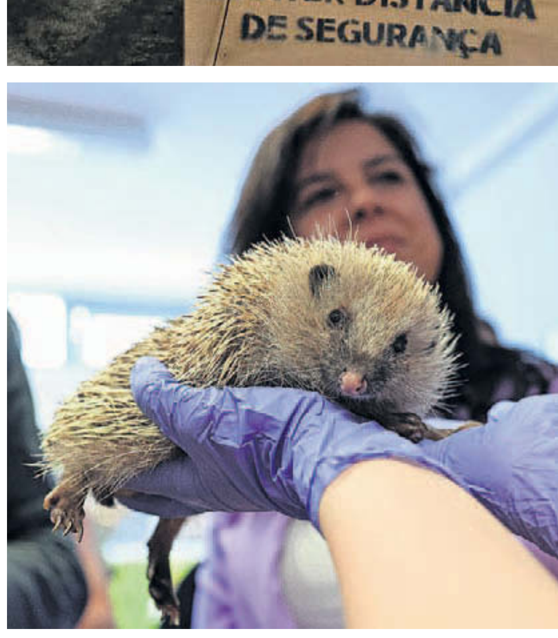
NUNO VEIGA/LUSA


4

CARLOS BARROSO/LUSA



5





"Gatos", "mentiras" e "caprichos" de um Presidente

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"Desculpas", "vitimizações", "chorrilhos de mentiras", "cortinas de fumo", "picardias", "guerras de alecrim e manjerona", "caprichos de Marcelo", uma pergunta – Schmit ou von der Leyen? – e o teste ao que "resulta" com o Presidente marcaram o quarto dia de campanha.

A AD subiu o tom na linguagem para acusar Marta Temido de "embustes" e "mentiras" e colar o PS às políticas dos socialistas que governam na Europa.

"É em Malta com um governo socialista onde o aborto é crime, não é em Portugal com a AD. É na Dinamarca com um Governo socialista que se defende a política do Ruanda de deportação de imigrantes, não é em Portugal com Governo da AD. É em Espanha com um governo socialista que há muros físicos nas fronteiras, não é em Portugal com um Governo da AD (…) foi um governo PS que deixou 1,7 milhões de portugueses sem médico de família, não foi um Governo da AD", acusou Sebastião Bugalho.

Mas a "descompostura" não ficou por aqui. Lídia Pereira, número cinco da lista da AD, foi mais longe e acusou a candidata socialista de "um chorrilho de mentiras, insinuações, embustes em que o PS tem assente a sua campanha eleitoral. É caso para dizer que Marta Temido trata tão mal a verdade como tratou os profissionais de saúde dentro do seu consulado", acusou.

Foi a resposta à acusação de que PSD e CDS tinham votado, por exemplo, contra a habitação digna e acessível no Parlamento Europeu.

Marta Temido, ontem, preferiu escudar-se no argumento de que não lhe "interessa discutir candidatos, nem discutir outra coisa que não seja a Europa, que não sejam as nossas diferentes perspetivas sobre a Europa" e não responder aos ataques.

Porém, não evitou, no Parque Mineiro de Aljustrel quando simulava uma detonação, gracejar com a ideia de detonar a oposição que "quase diria que não precisa de ajuda, isso parece-me bastante evidente".

Já o Chega avisou que os seus eurodeputados vão pedir uma fiscalização à aplicação dos dinheiros europeus "através de uma comissão parlamentar eventual ou de uma comissão permanente" porque os "fundos de coesão não estão a ser aplicados e não estão a ser bem executados". O alvo? "Os últimos governos de PS e PSD que não executaram uma grande parte dos fundos".

A IL decidiu, garantiu Cotrim de Figueiredo, "pôr um ponto final" nas "picardias" alegando que os "portugueses já sabem quem é que falou a verdade e quem é que não falou a verdade".

Os Liberais tinham acusado o BE de ser "eurosonso" e o Bloco acusou os liberais de mentirem sobre a sua posição quanto ao conflito na Ucrânia e de utilizarem "estratagemas da extrema-direita".

Catarina Martins, por seu lado, voltou às críticas à extrema-direita "financiada por Putin" [referência ao Chega] que quer "derrotar", mas não esquecendo que "há uma ditadura e um centrão que tem feito com que este caminho da extrema-direita seja possível". Outra ideia: O BE "não perdoa" os erros de PS na saúde que a direita "aproveita para destruir SNS"

O PCP, para além da constatação das "guerras de alecrim e manjerona" entre PS e AD, acusou a IL de defender a recolha de dados biométricos de imigrantes, permitindo saber "onde é que estão em cada momento", considerando ser "uma forma esquisita de defender liberdades". E houve também a acusação, recorrente, de o Chega se estar a "marimbar para as imigrações" e de querer potenciar o comércio de trabalhadores ilegais.

No Livre foi dia de defender a "descolonização" dos acordos comerciais entre a União Europeia e, sobretudo, os países africanos e sul-americanos. "Ainda há muito um olhar paternalista e sobranceiro sobre estas pessoas que impõe, muitas vezes, as nossas medidas", explicou.

O PAN fixou-se na proteção animal garantindo querer acabar com a discriminação no acesso à habitação para quem tem animais domésticos.

"As pessoas não podem mudar de casa com o seu gato. Isso não faz sentido. Os animais de companhia fazem parte da família, devem acompanhar a família", defendeu Fidalgo Marques.

O tema do Orçamento para o próximo ano "ter que ser aprovado", como Marcelo já várias defendeu após as declarações ao DN, para evitar uma crise política e garantir a execução do PRR, regressou à campanha.

A AD diz partilhar das preocupações de Marcelo, A IL garante não ceder a pressões do Presidente apesar de "valorizar sempre" as suas palavras, o PAN diz que "o país não pode estar a mando dos caprichos de Marcelo Rebelo de Sousa" e o PCP diz que são declarações "despropositadas".

Schmit ou von der Leyen?

A futura presidência da Comissão Europeia divide as candidaturas portuguesas às eleições europeias, mas a IL admite vir a juntar-se à AD no apoio a Ursula von der Leyen, enquanto o PS está com Nicolas Schmit. O Chega argumenta que "não há ainda candidatos oficiais" e a CDU declara não se rever em nenhum. As restantes candidaturas portuguesas alinham com as escolhas feitas pelos respetivos partidos europeus.

E foi dia de uma confissão de Bugalho: "Hoje experimentei pela primeira vez o Fortimel e o senhor Presidente da República tem toda a razão: aquilo resulta". **Com LUSA**

Cerca de 10,8 milhões de portugueses vão poder votar, no dia 9, nas europeias. Portugal registou, nas eleições de 2019, a pior taxa de abstenção (68,6%).



OSÉ SENA GOULÃO/LUSA

7
ESTELA SILVA/LUSA



MIGUEL A. LOPES/LUSA



Opinião
Nuno Piteira Lopes

Sem construção não há solução

Durante as últimas décadas o país não se preparou devidamente para uma crise que hoje afeta milhares de portugueses, em especial os jovens. A crise na habitação é uma realidade que, sem uma política focada em soluções fortes, dificilmente será superada.

Com êxodo do mundo rural para as cidades, os grandes centros urbanos, especialmente Lisboa e Porto, foram invadidos por novos residentes, que se instalaram nas cidades e nos seus subúrbios, lotando os espaços existentes. Esse *boom* obrigou a uma construção desenfreada, muitas vezes sem critério, criando localidades altamente densificadas e urbanisticamente mal construídas. Criaram-se autênticas selvas de betão que, anos mais tarde, se veio lamentar. A construção ficou, desde então, malvista e serviu de mote para um abrandamento nas autorizações para novos fogos habitacionais. A isso, somaram-se outros fatores, como as crises financeiras e a ausência de mão-de-obra. No entanto, a procura nunca diminuiu. Antes pelo contrário. Aos grandes centros urbanos continuaram a chegar pessoas oriundas da província e até de outros países, e as segundas gerações começaram a sair de casa dos pais, criando uma pressão tão grande na oferta que fizeram que os preços do imobiliário disparassem para valores que mais tarde (atualmente) se tornaram incomportáveis.

Perante a nova realidade do mercado imobiliário, onde comprar casa é difícil e o arrendamento inacessível, muitos jovens optam por viver em casa dos pais até atingirem um estatuto profissional capaz de lhes dar a autonomia financeira para poderem seguir as suas vidas com total independência. Essa situação tem atrasado a constituição de novas famílias e atrasado o país nos rankings da natalidade.

Hoje Portugal encontra-se numa corrida contra-o-tempo. É necessário criar novas soluções de habitação. E aqui, as autarquias têm uma preponderância enorme neste processo de mitigação.

No entanto é preciso compreender que é necessário construir, permitindo a criação de novos fogos habitacionais. Costumo dizer que já não é possível fazer casas nas árvores, temos de voltar, por isso, a ocupar terrenos com nova construção. A aposta, neste caso, terá de ser na escolha de materiais que permitam uma edificação sustentável e responsável, bem como a criação de zonas onde estes novos edificados convivam harmoniosamente com espaços verdes e zonas de lazer.

Para além da nova construção, é fundamental reabilitar fogos devolutos, devolvendo-os ao mercado de arrendamento, bem como requalificar os fogos habitacionais públicos.

Em Cascais, autarquia onde estou como Vice-Presidente, estamos a implementar uma mega estratégia de habitação, que globaliza um investimento total superior a 350M. O objetivo é disponibilizar o maior número de fogos para arrendamento acessível. Para isso, estão a ser adquiridos imóveis no mercado, e estamos a implementar processos de construção de novos empreendimentos habitacionais bem como ações de dinamização e de incentivo, através da simplificação do processo burocrático, à construção privada para fogos destinados a arrendamento controlado.

Através dos fundos do PRR, o novo Governo de Portugal prevê que as autarquias desbloqueiem 26 mil novas casas de habitação pública. Só em Cascais, até 2028, temos uma previsão de cerca de 3500 soluções habitacionais no Acordo de Colaboração com o IHRU, das quais cerca de 2400 são de reabilitação de fogos e cerca de 800 de nova construção pública, onde se acresce um conjunto de iniciativas privadas em curso no âmbito da construção a custos controlados e os 300 fogos que têm vindo a ser adquiridos pela autarquia no exercício do direito de preferência. Estes números são reveladores do empenho da Câmara Municipal de Cascais no compromisso de fixação de jovens e da classe média no concelho, bem como na estabilização de um mercado de arrendamento mais justo e equilibrado.

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais



Opinião
Miguel Romão

Ensino do Direito em Portugal: os números

Os dados quantitativos, para uma pessoa de Direito, são sempre um mistério e uma fonte de surpresas – especialmente quando confirmam intuições que surgem por outras vias. Dando aulas na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa há quase 24 anos, sempre me surpreendeu que não existisse uma licenciatura em Direito a sul de Lisboa, oferecida pelas universidades públicas. É certo que a população, a economia e os eleitores se concentram numa curta faixa litoral entre Setúbal e Viana do Castelo, mas isso não impediu, pelo contrário, no pós-25 de Abril, a criação de uma enorme rede de universidades e politécnicos espalhada pelo território e geradora de um efetivo acesso ao ensino superior, a formações pós-graduadas diversas e a um tecido de investigadores e de investigação associados à realidade de todo o País. Poder-se-á criticar até a falta de escala da rede ou a sua origem e desenvolvimento assente em critérios pouco racionais – mas é a que existe e seguramente tem contribuído alguma coisa para a formação do país semianalfabeto de 1974, para a fixação e até atração de população e para a vida coletiva de boa parte do território. E não é seguramente pelos salários pagos aos professores do ensino superior, com a sua perda de quase 20% de poder de compra na última década e meia, que o País entra em falência.

No entanto, o ensino público do Direito manteve-se sempre alheio à lógica de cobertura do País, recusando ir ao encontro dos estudantes. Abriram três novas faculdades públicas de Direito desde os anos 90, mas em Lisboa (Universidade Nova), Porto e Braga, complementares às históricas Universidades de Coimbra e de Lisboa. Existem apenas cinco licenciaturas públicas em Direito, com 1264 vagas anuais (2023/24), todas preenchidas, e com 870 destas em Lisboa e Coimbra – comparando, por exemplo, com as 16 licenciaturas em Economia, 26 em Gestão ou 16 em Engenharia Informática (apenas considerando as universidades públicas e excluindo aqui os politécnicos) estas efetivamente repartidas por todo o território continental e insular.

A minha consciência desta realidade e das suas consequências para o equilíbrio do País, para o bom funcionamento dos serviços públicos e para o provável lapso de planeamento e de justiça material em causa foi reforçada a partir de 2018, quando, então em funções dirigentes no Ministério da Justiça, me confrontei com a extrema dificuldade de captação de recursos humanos para os distritos a sul a Lisboa, especialmente Évora, Beja e Faro, desde juízes a oficiais de justiça. E fui falar com o Reitor da Universidade do Algarve, que não tinha então a noção desta realidade. Porque não se trata apenas de acolher estudantes da zona, o que já seria um dever, sem os onerar com o que significa estudar quatro ou cinco anos a 280 km da sua residência. Trata-se também de reter e acolher novos estudantes, que permaneçam depois em territórios onde essa sua formação é fundamental, para os serviços públicos e para a economia regional. Até porque estudar e aprender é um direito e não um privilégio e resulta a favor de toda a comunidade.

Os números dizem-nos que, bem ou mal, querendo-se isso ou o seu contrário, todas as Faculdades de Direito portuguesas são essencialmente escolas regionais, recebendo alunos de licenciatura do seu distrito ou dos distritos confinantes onde não existe oferta de ensino de Direito. As duas licenciaturas de Direito em Lisboa captam 74% (Universidade de Lisboa) e 71% (Universidade Nova) dos estudantes no distrito de Lisboa e nos distritos adjacentes. A Universidade do Porto tem 80% dos seus alunos provindos do Porto e dos distritos circundantes (e retirei desta percentagem os seus estudantes do distrito de Braga, 6%, onde existe licenciatura). A Universidade do Minho capta 68% dos estudantes em Braga, Viana do Castelo e Vila Real (e retirei a proporção provinda do Porto, que é de 22%, perfazendo 90%). Coimbra é mais ecuménica, mas mesmo assim tem 44% dos seus estudantes de Direito na mesma circunstância. Quantos estudantes de Évora, Beja ou Faro foram estudar em 2023 para o Porto ou Braga? Zero. O critério de escolha de onde estudar é o da proximidade à sua vida anterior. Todos os dados são da Direção-Geral do Ensino Superior.

Ora, uma mera redução de 5% das vagas nestas 5 licenciaturas (ou seja, 63 vagas) permitiria praticamente acomodar os estudantes dos distritos de Faro, Beja e Évora (foram 70 alunos colocados destes distritos em 2023/24 e seguramente muitos mais os candidatos) numa nova licenciatura a ser criada pela Universidade do Algarve ou até pela Universidade de Évora. Eu sei que o ideal universitário é cosmopolita, de novas vivências, conhecimentos, pessoas e espaços, de confronto com o desconhecido e de superação pessoal, pressupondo ir para fora das zonas, literalmente, de conforto – mas, devo dizer, isso não está a acontecer. E, se temos, por opção pública, um ensino universitário regionalizado, o Alentejo e o Algarve (e já nem falando dos Açores e da Madeira) estão a ser injustiçados, sem necessidade e sem critério que não o da conveniência dos professores e das instituições demasiado acomodadas e pouco disponíveis para uma lógica efetiva de acesso ao conhecimento e à formação.

Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa



Virança
Ana Drago

Dar tudo a todos

1 O mundo político português está esquisito. Em menos de dois meses, os partidos da austeridade e que se distinguiram na batalha contra um país que vivia acima das suas possibilidades, agora descobriram as virtudes da despesa pública. PSD e CDS que, na sua vida passista congelaram a contagem do tempo de serviço dos professores, negociaram agora em poucas semanas que esses anos voltem a contar.

O mesmo governo de direita anunciou também o fim da contabilização dos rendimentos dos filhos para a atribuição do Complemento Solidário para Idosos. Há mais de 15 anos que esta medida é defendida pelo Bloco de Esquerda e pelo PCP. Cada vez que estes partidos a apresentaram no parlamento foi sempre, sucessivamente, chumbada por PSD e PS. Finalmente, e sem se atrapalharem com a coerência, aqueles que acusavam de despesismo todos os investimentos em infraestruturas públicas, anunciaram não a localização e construção do aeroporto de Lisboa, a ferrovia de alta velocidade até Madrid e uma nova travessia do Tejo. O mundo mudou, diria Sócrates.

Mas sosseguemos. Montenegro não transformou subitamente a Aliança Democrática numa força política de esquerda. A decisão do aeroporto só tem como resultado imediato dar à ANA a possibilidade de expansão do Aeroporto da Portela, que há muito anos almejava. A Ministra da Saúde acaba de anunciar que haverá novas fatias generosas do orçamento de Estado para o sector privado da saúde, que já come 40% da despesa do SNS mas que tem sempre fome do dinheiro dos contribuintes. E contra toda a evidência científica, Pinto Luz anunciou o fim dos tímidos travões desenhados pelo PS para limitar a expansão do Alojamento local e os seus efeitos nos preços da habitação nas cidades. Ao mesmo tempo, anunciou apoios às rendas que vão talvez aliviar famílias, mas que vão manter preços artificialmente altos e encaminhar mais dinheiro dos contribuintes para os bolsos dos senhorios. Finalmente, apesar do Ministro das Finanças ter ensaiado a narrativa de que "afinal há uma crise orçamental", as dificuldades das contas públicas desapareceram rapidamente. Montenegro anunciou um corte no IRS de 1000 milhões de euros para os jovens "mais ricos". E garantias do Estado para compra de casa própria, desregulação urbanística e subsídios para o sector da construção.

É uma festa: o governo da AD quer dar tudo a todos. Aos idosos e aos jovens; a proprietários e arrendatários; aos privados na saúde e aos monopolistas dos aeroportos; aos professores, ao sector da construção e alojamento local. Não se estranhe, nada disto é uma estratégia política. É uma tática de campanha eleitoral. O Governo de direita minoritário de hoje decidiu começar a preparar as condições para vir a ser governo maioritário amanhã.

2 Com a nova liderança, também o PS parece ter descoberto um novo mundo. E nós, por outro lado, descobrimos um novo PS. Até há pouco tempo tinhamos um Primeiro Ministro socialista que ameaçou demitir-se se a contagem do tempo de serviço dos professores fosse aprovada no parlamento. Agora, o PS não só bateu palmas ao acordo com os professores, como, na verdade, tinha antecipado o Governo da AD, propondo um Orçamento Retificativo para acomodar esse novo encargo. Os socialistas também descobriram recentemente que as portagens nas autoestradas do interior são um entrave ao desenvolvimento e que IVA máximo da electricidade de 3 milhões de famílias é uma injustiça, por ser uma necessidade básica. Mais uma vez, é preciso lembrar que Bloco de Esquerda e PCP apresentaram múltiplas iniciativas na AR com estas propostas. Sempre chumbadas. Seria injusto dizer que o novo PS promete tudo para todos. Mas é indiscutível que há uma nova estratégia de afirmação. O PS está em campanha.

3 O Presidente da República mudou o tom e o conteúdo. Depois das legislativas de 2022, Marcelo Rebelo de Sousa andou dois anos na comunicação social entretido a "cenarizar" uma eventual dissolução da AR em tempos de maioria absoluta. Agora diz-se preocupado com a estabilidade governativa e a aprovação de um Orçamento de Estado. O PR parece pouco crente na longevidade do actual governo e, pasme-se, vem em seu auxílio.

4 Já o Chega carrega no discurso do racismo e na xenofobia, num país que não tem qualquer problema social ou cultural com a imigração. Ao mesmo tempo, a Ventura não falha a voz na crítica ao governo da direita. Sentada nas bancadas da AR, a extrema-direita vai deixando que as propostas do PS, do BE e do PCP sobre IRS, portagens e IVA na electricidade sejam aprovadas. O Chega parece já estar a trabalhar para novas eleições, onde espera continuar a sugar eleitorado ao PSD.

5 Só a esquerda à esquerda do PS é que ainda parece reconhecível. O que, na verdade, são más notícias para este espaço político. Bloco de Esquerda e PCP apresentam disciplinadamente as propostas que vêm defendendo há vários anos e que, no novo cenário, até parecem fazer caminho. Mas o problema não são as propostas. O problema é a dificuldade que têm em fazer a representação do mal-estar social que se instalou durante a governação das "contas certas" de António Costa. Se Bloco de Esquerda e PCP não forem capazes de ter iniciativa política de vulto correm o risco de continuar na rota descendente que têm protagonizado desde o fim da geringonça. Parecem ser o único espaço político que não vê que todos os outros partidos estão em campanha para as uma eventuais novas eleições legislativas e que concluiu que em estratégia perdedora não se mexe.

6 Ninguém parece acreditar na longevidade do governo. Neste contexto, as europeias parecem fazer funcionar apenas como uma "sondagem", a caminho de outras eleições. Decisivo é confronto do Orçamento. Enquanto ele não chega, continuaremos em pré-campanha.

Investigadora do CES



Opinião
António Capinha

Governo. Os próximos obstáculos a vencer!

Mais do que as recentes eleições da Madeira, cujo resultado foi, politicamente, inexpressivo no sentido da formação de um governo regional estável, as próximas eleições europeias serão decisivas no que respeita ao futuro do governo de Luís Montenegro.

Apesar de, atualmente, não contar com uma maioria confortável, Montenegro tem conseguido uma boa performance no desempenho do seu governo. Tranquilamente e não se envolvendo em querelas políticas que, tradicionalmente, apenas desgastam os governos, Luís Montenegro tem avançado com medidas, algumas delas dignas de um Executivo de maioria absoluta. O novo aeroporto e as infraestruturas que lhes estão adjacentes, a resolução do conflito dos professores, a atenção aos mais jovens, seja na baixa do IRS ou na comparticipação das despesas de residências estudantis, e as mais recentes medidas de apoio à habitação, são iniciativas, importantes, mas que podem fazer disparar a despesa pública. Caberá perguntar se há dinheiro para tudo, sem correr o risco das contas do Estado entrarem no vermelho! E, sobretudo se, lá mais para a frente, devido ao aumento da despesa pública, não veremos subir os silenciosos e discretos impostos indiretos!

A importância das próximas eleições europeias reside na circunstância de que se existir uma vitória da AD/PSD, o governo sairá, naturalmente, reforçado. Mas se, ao contrário, os socialistas ganharem as eleições europeias, então, a breve trecho, entraremos no território instável da possibilidade de eleições antecipadas dentro de meses. Esta última hipótese porá em perigo a execução do PRR, essencial para o desenvolvimento do país. A aplicação do PRR tem vindo a ser acelerada com a criação de uma *task force*, bastante operacional, que está fazer uma nova configuração dos projetos, repartindo-os por unidades mais pequenas e de mais fácil agilização no que respeita á sua aprovação. Uma boa execução do PRR é vital para o crescimento da economia.

Entretanto, o Executivo tem pela frente outros desafios que são decisivos para lhe conferirem credibilidade política e uma vida mais longa.

Sem dúvida que o dossier da saúde é, significativamente, um dos mais importantes para afirmação do governo. A ministra Ana Paula Martins parece um pouco perdida e, até ao momento, não se percebeu qual o rumo que vai dar ao seu ministério. O relógio está contar, e o prazo dos sessenta dias está aí à porta. A ministra não poderá ter hesitações no que respeita à utilização das ferramentas privadas no acesso à saúde. É vital reconstruir as PPP's hospitalares, incompreensivelmente dinamitadas por Marta Temido, apenas devido a preconceitos ideológicos. E a lógica privada terá de ir mais longe, seja nas cirurgias, exames complementares, ou ainda outros atos médicos que estejam bloqueados na vertente pública do SNS. Desenganem-se os ayatollahs do SNS exclusivamente público, porque só a conjugação das vertentes público, privado e social conferirá aos portugueses os mecanismos de saúde que eles carecem. Ter-se-á de avançar, também, cada vez mais, para regionalização da saúde com a entrega de responsabilidades às Câmaras e às Juntas de Freguesia.

Um outro, próximo e decisivo, desafio que o Executivo de Montenegro enfrenta é o dossier da imigração. De difícil resolução a breve trecho, as questões da imigração têm de ser articuladas no interior da lógica da União Europeia. Todavia, Portugal tem de criar as condições para receber os imigrantes com dignidade, agilizando com rapidez a sua documentação, alojando-os, condignamente, enquanto não estão inseridos no tecido social português. A AIMA (Agência para a Integração, Migrações e Asilo) tem de ser, rapidamente, reestruturada. E, inevitavelmente, teremos de começar a receber imigrantes para resolver as necessidades do nosso mercado laboral. Não mais do que isso, ou corremos o risco de criarmos (ainda mais) bolsas de miséria e episódios de insegurança.

Na Habitação as muito recentes medidas de inserção dos edifícios do Estado no mercado habitacional, o fim dos arrendamentos coercivos e o desbloqueio dos constrangimentos ao alojamento local são pequenos passos de um projeto que tem de ir mais longe com a reconstrução dos mecanismos do mercado privado da construção civil. Será que, um dia, vamos voltar a reencontrar os apartamentos J. Pimenta, na periferia da Reboleira, que tantos portugueses, da minha faixa etária, habitaram quando jovens?

Nesta corrida de obstáculos, a Saúde, Habitação, Imigração, são três das principais barreiras que o Governo terá de saltar. Veremos se não tropeçará em nenhuma delas!

Jornalista

Saúde Mental. Maioria das medidas já existe, mas estava "bloqueada" pela falta de investimento

SNS É um dos cinco eixos estratégicos do Plano de Emergência e Transformação da Saúde e quem está no terreno fica satisfeito que assim seja, mas é preciso saber-se concretamente como é que as nove medidas para a área da Saúde Mental vão ser executadas. O psiquiatra João Canha, que fala ao DN sobre cada medida, alerta: "O plano pode ter muitos objetivos, mas falta saber se há mesmo vontade para investir".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**



12,2% da população portuguesa sofre de depressão crónica.

CARLOS ALBERTO/GLOBAL IMAGENS

Em Portugal, 12,2% da população sofre de depressão crónica, um valor bem mais elevado do que o da média da União Europeia, que é de 7,2%. Os números foram referidos pela ministra da Saúde na apresentação do Plano de Emergência e Transformação da Saúde (PETS), na quinta-feira, após a reunião semanal do Conselho de Ministros, e para justificar o facto de "o cuidar da Saúde Mental" ser um dos seus cinco eixos estratégicos com medidas urgentes a aplicar e outras prioritárias. Nos números referidos por Ana Paula Martins está também a prevalência de perturbações psiquiátricas no nosso país, 22,9%, mas quem está no terreno sabe que estes números não são novos, sabe também que há muito que "Portugal é dos países da UE com consumo mais elevado de ansiolíticos e antidepressivos". E, por isso mesmo, salienta ao DN o psiquiatra João Canha, especialista do Centro Hospitalar Conde Ferreira, no Porto, e consultor nacional da Federação Nacional dos Médicos, que este quadro "é preocupante", mas "só durante a pandemia é que a preocupação com a Saúde Mental começou a ter mais visibilidade e a ser mais referida". Aliás, sublinha, "entre quem trabalha na área costumamos dizer que a Psiquiatria é o parente pobre das especialidades médicas", esperando assim que as referências agora feitas à Saúde Mental "se transformem em medidas concretas para abordar um problema que é global, geral e premente na população portuguesa".

O psiquiatra alerta mesmo para o facto de "o plano apresentado pode ter muitos objetivos, mas que é preciso haver, verdadeiramente, a vontade para executar todas medidas, algumas que já integravam o programa nacional e que estavam paradas e outras que ainda nem saíram do papel, sobretudo as medidas relacionadas com fundos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) que podem estar em risco de não serem executadas".

> "É importante a preocupação com a mudança na Saúde Mental, mas desta intenção até à execução vai uma grande diferença."

O PETS integra 54 medidas para todas as áreas, nove para a Saúde Mental, umas urgentes outras prioritárias e com resultados a obter em três meses, até ao final do ano ou daqui a dois anos. Mas não se conhecem os *timings* para a sua aplicação. "É importante a preocupação com a mudança na Saúde Mental, mas desta intenção até à execução vai uma grande diferença", comenta João Canha, porque "a maioria das medidas está no papel, umas em andamento outras por aplicar, por terem sido bloqueadas pelas Finanças dos governos."

Na conversa com o DN sobre cada uma das medidas, o psiquiatra recorda que algumas das medidas integram o Programa Nacional para a Saúde Mental, que teve uma primeira versão em 2007, depois em 2016 e uma nova versão em 2018. E que em relação a algumas, Portugal tem sido alertado pela Organização Mundial da Saúde e pela própria União Europeia para avançar com a sua aplicação, nomeadamente a que respeita à desinstitucionalização de doentes crónicos. E destaca: "A psiquiatria sofre do mesmo problema que qualquer outra especialidade, jovens médicos a irem para a emigração ou especialistas a optarem por saírem do SNS, e se o primeiro-ministro diz que a resposta deste plano assenta na capacidade do SNS, se nada for feito no sentido da valorização da classe, então receio que este plano possa ter muitos poucos resultados práticos". Aqui ficam as medidas e o que diz quem está no terreno sobre elas.

1 Contratação de 100 psicólogos para os Cuidados de Saúde Primários

O número de psicólogos no SNS já é muito escasso e é claro que se forem contratados mais para integrarem as equipas e trabalharem em conjunto com os psiquiatras, sobretudo nos cuidados primários, onde chegam em primeiro lugar as perturbações comuns da saúde mental, será importante. Agora, é preciso dizer que este número é quase uma amostra dos profissionais necessários. É um número muito reduzido, se tivermos em conta que no país existem 570 Unidades de Saúde Familiares onde devem ser distribuídos.

2 Desinstitucionalização de situações de doença mental crónicas

Esta é das medidas que já integra o programa nacional da saúde mental, está organizada e planeada no papel, mas bloqueada em termos de investimento. O problema da desinstitucionalização dos doentes é o ter que criar ou desenvolver outras estruturas mais leves e mais comunitárias que possam receber estes doentes, para não os deixar sozinhos na rua e sem apoio. E isto requer investimento e um gasto de recursos que, pela experiência de outros países que já avançaram nesta área, mais avultados do que aqueles que se tinham com as estruturas antigas. E se não há vontade de investimento a medida fica bloqueada. Esta é das medidas que têm levado a OMS e as estruturas europeias a avisarem Portugal de que tem de avançar nesta mudança, de forma a que os doentes mentais graves possam ter uma vida mais digna, com maior estímulo e maior capacidade de integração.

3 Criação de 20 Equipas Comunitárias de Saúde Mental (ECSM) para adultos, infância e adolescência

É das medidas que está em curso, embora também bloqueada pelo investimento. Em 2022, foram criadas 10 equipas comunitárias, em 2023 deveriam ter sido criadas mais dez, mas não foram. E este ano ainda não foram criadas as dez que estavam previstas. No fundo, estas 20 equipas são as que deveriam ter sido criadas no



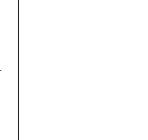
ano passado e já este ano. São equipas que são muito necessárias e através das quais também se tenta fazer uma transformação na forma como são acompanhados os doentes mentais. Um acompanhamento mais próximo, evitando retirá-los do seu meio.

4 Disponibilização nos Cuidados de Saúde Primários de programas estruturados de intervenção na ansiedade e na depressão

É uma medida muito vaga. Em termos genéricos, diria que sim, tem de se avançar com programas estruturados, mas é preciso que estes sejam delineados e definidos no tempo. Só com a intenção, não sabemos o que é.

5 Garantia de capacidade de internamento para situações agudas nos Serviços Locais de Saúde Mental

A intenção de garantir internamento é arrojada, porque é uma das medidas que está preconizada há tempo demais e que não avança. É essencial que um serviço de psiquiatria (ou serviços locais de saúde mental, como se refere no PETS) tenha várias valências para prestar cuidados de qualidade e articulados aos seus doentes, mas a verdade é que a preconização da garantia de internamento a quem precisa tem sido arrastada ao longo do tempo. Agora, o plano fala na criação de internamento nas unidade de Viseu e de Santa Maria da Feira, mas fica a faltar em outras unidades, como, por exemplo, nas Unidades Locais de Saúde de Matosinhos e da Póvoa do Varzim, que têm de internar os doentes no Hospital Magalhães Lemos, com as desvantagens que tem em termos no acompanhamento para o doente. Mas há outros casos no país em que estes serviços de internamento são necessários.



> "É estranho que este Governo pretenda a generalização de CRI quando há um projeto piloto a decorrer em 15 unidades do SNS que ainda não terminou e ainda sem avaliação e sem resultados."

6 Criação de serviços de saúde mental regionais para internamento de doentes de elevada complexidade

Estes centros regionais destinam-se a doentes muito graves, que necessitam de um acompanhamento muito próximo e que requerem uma grande especialização de cuidados, que não avançam pelo investimento.

7 Construção dos Serviços Forenses, no Hospital Sobral Cid e no Hospital Júlio de Matos

É uma medida já consignada no programa nacional, e isto mesmo é referido neste plano. É também a medida em que sabemos em que há quatro milhões de euros para investimento. Destina-se aos doentes declarados inimputáveis, que ainda não avançou pelo investimento.

8 Generalização dos Centros de Responsabilidade Integrada (CRI) na Saúde Mental

A criação de CRI na Saúde Mental é um tema polémico e é estranho que este Governo pretenda a generalização desta forma de gestão quando há um projeto piloto a decorrer em 15 unidades do SNS (ULS Amadora-Sintra, Arco-Ribeirinho, Baixo-Alentejo, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Lisboa Ocidental, Loures-Odivelas, Matosinhos, Médio-Tejo, Nordeste, Oeste, Aveiro, Santo António [no Porto], Tâmega e Sousa), que tem o prazo de dez meses, desde o início do ano, e com serviços que ainda mal começaram a funcionar desta maneira e outros ainda com dificuldades em formar equipas. É estranho que se decida o alargamento da experiência sem uma avaliação ou sem resultados deste projeto piloto. Além disso, a regulamentação dos CRI, pela portaria 73/2024, define a produção por incentivos baseados no índice de desempenho das equipas, mas, nesta altura, ainda se desconhece qual é a definição desse desempenho.

9 Criação de um programa de Saúde Mental para as Forças de Segurança

Esta é das medidas que não estavam escritas, não quer dizer que não estivesse pensada, porque as forças de segurança são consideradas população de maior risco na área da Saúde Mental, mas não sabemos o que vai ter este programa e como vai ser implementado. Falam na criação de uma Via Verde, de uma certa priorização na referenciação, mas não se consegue perceber o que vai acontecer na prática.

anamafaldainacio@dn.pt

100 mil crianças visitam todos os anos o Jardim Zoológico de Lisboa

NATUREZA Há cerca de dois mil animais no Zoo de Lisboa. Todos os dias há visitas escolares a esta instituição que se dedica ao tratamento, estudo e conservação das espécies. Na véspera do Dia da Criança, o DN foi conhecer os bastidores do parque fundado há 140 anos.

TEXTO **ISABEL LARANJO** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS**

O trabalho arranca bem cedo no Jardim Zoológico de Lisboa. Ainda antes das 07.00 começam a chegar os trabalhadores das várias áreas do Zoo, à porta de serviço.

Na cozinha, já se partem frutas, separam legumes e coze-se um panelão de ovos, para a alimentação de alguns animais. "Isto é um refeitório muito grande para animais e temos animais com diferentes necessidades: uns são carnívoros, outros omnívoros, outros estritamente vegetarianos, como é o caso dos gorilas. Só os gorilas comem, diariamente, entre 27 a 30 quilos de alimentos por dia", começa por explicar Ana Saraiva, engenheira zootécnica e responsável pelo departamento de nutrição. "Anualmente, gastamos 400 toneladas de feno. Por mês, só em maçãs, são à volta de quatro toneladas; cenouras são duas toneladas. E estou só a referir-me aos alimentos mais consumidos diariamente".

Para alimentar os cerca de dois mil animais, de aproximadamente 300 espécies, o Jardim Zoológico tem de comprar "a maior parte dos alimentos". Porém, chega ajuda de alguns hipermercados. "Eles têm quebras de certos produtos que não podem seguir o circuito comercial normal, por exemplo uma banana que tem um toque. Noutros casos, são alimentos que são testados, antes de irem para o circuito comercial, e há lotes que, depois, são colocados de parte e não seguem para o circuito de venda ao público: nós vamos buscar esse alimentos diariamente, essas doações desses excedentes".

De seguida, é feita "uma seleção criteriosa, aqui na cozinha, do que está impróprio para consumo e do que conseguimos aproveitar". "Mas essas ofertas não chegam para as nossas necessidades", lamenta esta responsável. "São valores muito reduzidos, daí termos necessidade, todas as semanas, de comprar frutas e vegetais, com qualidade igual à que é utilizada no consumo humano".

As dietas de todos os animais são elaboradas "em estreita relação com a equipa veterinária e a curadoria dos animais. Tem de haver sempre um intercâmbio e uma relação constante e diária para que, no fundo, os animais tenham uma alimentação o mais saudável possível". E há animais que comem muito: "Temos animais que fazem três ou quatro refeições diárias, como é o caso dos gorilas e de outros primatas. Outras espécies, como os carnívoros – por exemplo leões – fazem apenas uma refeição diária". Na instalação dos elefantes, rinocerontes ou hipopótamos, animais de grande porte, "há sempre feno à disposição e eles vão comendo, de dia e de noite, conforme o apetite" Há ainda animais que se alimentam de "rações importadas ou insetos vivos. Tentamos dar a dieta, aos animais, o mais parecida possível com a alimentação natural, em meio selvagem".

200

Contingente Este é o número de funcionários do Jardim Zoológico de Lisboa. Entre eles incluem-se veterinários, biólogos, tratadores e outros trabalhadores.

132

Valor Este é o preço para sepultar um animal do Zoo de Lisboa. Para renovar a sepultura faz-se um pagamento anual de 94 euros. O levantamento dos restos mortais custa 110 euros.

Aliás, manter os animais em instalações que lhes permitam estar da maneira mais aproximada ao que estariam na natureza foi o objetivo das grandes obras que foram feitas no Jardim Zoológico de Lisboa há cerca de 25 anos. Se antes se viam macacos atrás das grades, hoje em dia os animais andam soltos, livremente, em áreas de dimensões apropriadas e com instalações que lhes permitem movimentar-se de forma o mais semelhante possível à da vida selvagem.

Da grande cozinha do Jardim Zoológico partimos ao encontro dos macacos aranha, onde não falta uma cria, de apenas um mês. "São primatas da América do Sul e têm adaptações anatómicas específicas. Por exemplo, a cauda prende-se e eles agarram-se pela cauda para comerem. Usam a cauda para comerem os frutos e as folhas que estão mais altos, nas árvores", explica Maria da Paz, tratadora principal da equipa de pequenos primatas. "Aqui, na alimentação, tentamos criar oportunidades para que eles simulem os comportamentos que teriam na natureza".

A comida é deixada em recipientes pendurados na instalação de madeira. Os macacos aranha, assim que os tratadores se afastam, vão aos cestos e revolvem as frutas e verduras que ali foram deixadas. "Colocamos a comida de maneira a eles terem de a ir buscar, tendo de se pendurar em altura, porque na natureza é assim que os macacos aranha comem. E, como vê, estão sempre a utilizar a cauda, é como se tivessem um quinto membro".

No caso destes primatas, os tratadores entram diretamente dentro da instalação. "Os animais selvagens não são animais de estimação. Não podemos tentar comparar comportamentos", avança a tratadora. "Os tratadores que lidam com eles diariamente, neste caso em contacto direto, têm de ter atenção porque, tal como nós, eles não estão sempre bem dispostos".



Os gorilas são vegetarianos. O grupo de cinco gorilas que existe no Zoo come 30 quilos de alimentos por dia.









A cozinha do Zoo abre antes das 07.00. É aqui que são elaboradas e preparadas as dietas de todos os animais. Em cima, dois tratadores entram nas instalações dos macacos aranha.

Por isso, antes da entrada nas instalações "é feita uma observação geral, em que vemos o comportamento dos animais. Depois, obviamente que eles não atacam, porque não têm razões para atacar, mas é preciso ter atenção, porque queremos mantê-los selvagens, não queremos domesticá-los. Fazemos o que temos de fazer mas não há contactos [por exemplo, festas] porque queremos que se mantenham como são e que se relacionem entre eles e não com o tratador".

Mas se no caso dos macacos aranha os tratadores entram dentro da instalação com os animais soltos, com outros não é assim. "Com tigres, elefantes, rinocerontes, hipopótamos ou grandes primatas há contacto protegido. Isso significa que onde está o tratador não está o animal", explica Maria da Paz. O DN observou esse caso na instalação dos hipopótamos. Os animais não estavam no lago, que estava a ser limpo e onde a alimentação estava a ser colocada. "O animal passa de um espaço para outro, em segurança, e então o tratador faz o seu trabalho. Outro exemplo é o dos elefantes, que permanecem no interior da instalação o tempo que for necessário e o tratador faz, por fora, a limpeza, coloca a alimentação e volta a abrir aos animais". Maria da Paz desvenda: "Há um maneio específico para cada espécie e daí a necessidade de os tratadores conhecerem bem os animais. É um jogo diário, uma relação entre o animal e o tratador, para que o animal faça o que é necessário, que é entrar num espaço para se limpar o outro em segurança. Isso é feito com treino e experiência".

"Temos animais que fazem três ou quatro refeições diárias, como é o caso dos gorilas e outros primatas. (...) Tentamos dar a dieta aos animais o mais parecida possível com a alimentação natural."

Ana Saraiva
Responsável pelo departamento de nutrição do Jardim Zoológico

"Os animais selvagens não são animais de estimação. Não podemos tentar comparar comportamentos. Os tratadores (...) têm de ter atenção. (...) Nem sempre estão bem dispostos."

Maria da Paz
Tratadora principal da equipa de pequenos primatas

"Os pilares do Zoo são a educação, a investigação e a conservação. Todas as atividades que são feitas no Jardim Zoológico têm por base uma, duas ou até as três missões."

Diogo Gomes
Biólogo, coordenador dos programas educativos das escolas

Apesar de a parte visível ao público serem os animais em exposição, o Jardim Zoológico de Lisboa tem várias missões, como garante o biólogo Diogo Gomes, responsável pelo serviço de educação. "Os pilares do Zoo são a educação, a investigação e a conservação. Todas as atividades que são feitas no Jardim Zoológico têm por base uma, duas ou até as três missões em simultâneo". No caso de Diogo, o biólogo coordena os programas educativos das escolas. E são muitos os alunos, de várias idades, a visitar o parque, todos os anos: estima-se que, pelo menos, 100 mil crianças ali passeiem e aprendam mais sobre os animais e a natureza todos os anos.

O Jardim Zoológico de Lisboa, que conta ainda com um hospital e três médicos veterinários, trabalha em rede com outros parques da Europa e do Mundo. A conservação das espécies é uma missão levada muito a sério. Diogo Gomes dá um exemplo "muito recente e que foi um sucesso, em que estivemos envolvidos em dezembro do ano passado: foi com o órix-de-cimitarra, uma espécie que desde o ano 2000 estava considerada extinta na natureza, e nós fizemos parte da reintrodução. Com a contribuição do nosso conhecimento e das várias técnicas que foram desenvolvidas pela comunidade zoológica, já há animais destes em meio natural. As reproduções são feitas com muito cuidado, para garantir uma diversidade genética na população sob cuidados humanos, e depois levar esses animais para a natureza. No caso do órix-de-cimitarra cimitarra foi possível, desde o ano 2000 até agora, uma espécie que estava extinta na natureza passar para uma situação de *em perigo*. As primeiras reintroduções foram feitas em 2006, na Tunísia, e agora, mais recentemente, no Chade. A taxa de sucesso de reintroduções e reproduções foi muito boa".

No Jardim Zoológico de Lisboa existe, ainda, um cemitério para animais "onde as pessoas fazem uma última homenagem ao animal que fez parte da sua família. E não estão lá só cães e gatos, mas também aves, serpentes ou peixes".

O *pet hotel* completa a oferta de serviços à comunidade. Aqui, os cuidadores podem deixar os seus animais de estimação e irem de férias descansados. "Os principais clientes são cães e gatos mas, até pelo conhecimento que temos de animais selvagens, podemos receber araras, catatuas, papagaios, tartarugas. Há ainda a mais valia de termos os nossos veterinários, caso aconteça algum incidente ou o animal fique doente".

isabel.laranjo@dn.pt

Um irmão é uma praia

Um irmão
É uma coluna de fogo
Que caminha ao nosso lado,
Despertando, estimulando,
Incendiando a vida quando seca,
Para iluminar os dias tristes
Que fazem a alma careca.

Um irmão
É um rio de água fresca
Onde nos banhamos...
Depois de muitos desertos
Que o tempo deixou para trás,
Fazendo os horizontes incertos.

Um irmão
É uma planície
Feita de terra firme
Onde nos espraiamos
Sem receio de claudicar,
Longe do desfiladeiro íngreme.

Um irmão
É uma brisa que sopra
Nas tardes quentes
Da história
Que nos queimam a face,
Vencendo o desespero de lutar
Pelas necessidades da vida
Sempre urgentes!

Medina de Gouveia

(escrito para celebrar, hoje, o Dia dos Irmãos)

Irmãos inseparáveis

ESPECIAIS Partilham laços de sangue, segredos e, por vezes, mesmo vocações. No Dia dos Irmãos, lembramos alguns casos que ficaram para a História pelas melhores razões.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

"É talvez a pessoa que conheço melhor no mundo e todavia quase não falamos. Para quê? São desnecessárias as palavras entre nós, passámos mais de vinte anos, acho eu, no mesmo quarto, num silencioso princípio de vasos comunicantes que até hoje se mantém." Assim descreveu o escritor António Lobo Antunes a sua relação com um dos seus cinco irmãos, o neurocirurgião João, falecido em 2016, que era também o mais próximo da sua idade (António nasceu em 1942 e João cerca dois anos depois).

Mas se esta proximidade não surpreende em quem, como António e João Lobo Antunes, partilhava tanto laços de sangue como convicções, talvez seja menos expectável em irmãos colocados em polos políticos e ideológicos opostos. Como foram os casos de Miguel e Paulo Portas. No entanto, já depois da morte de Miguel, fundador do Bloco de Esquerda, a mãe de ambos, Helena Sacadura Cabral, revelaria, numa entrevista ao *Correio da Manhã*, que a Política jamais fora suficiente para separar os dois: "Não conheço irmãos que gostassem tanto um do outro. Se houvesse um amorómetro eles teriam rebentado com a escala. Aliás, se me perguntarem se houve alguma coisa que eu fiz bem, e de que me orgulho, é dos meus filhos. Metade trabalho meu, metade genético, claro."

Embora histórias dignas de Caim e Abel não faltem na História de Portugal, também houve casos de grande lealdade, como o que ligou a chamada Ínclita Geração, composta pelos infantes nascidos da união de D. João I com Dona Filipa de Lencastre. Pelo menos, enquanto o fundador da dinastia de Avis e o filho mais velho, o rei D. Duarte, foram vivos, já que depois encontraríamos D. Henrique, D. Pedro e D. Afonso, Duque de Bragança (filho de uma relação extraconjugal de D. João) a disputar, de forma violenta, o ascendente junto do sobrinho de todos, o rei D. Afonso V.

A força do amor fraternal nas famílias reais portuguesas voltaria a expressar-se, já no século XIX, entre os filhos da Rainha Dona Maria II: os reis D. Pedro V e D. Luís, mas também os infantes João, Maria Ana, Antónia, Fernando e Augusto. Uma linhagem tragicamente atingida na flor da idade pela febre tifoide, o que deixaria um travo de amargura nos sobreviventes. Casada com um príncipe alemão, Antónia mantinha com D. Luís uma correspondência muito frequente e afetuosa, como se evidencia nesta carta: "Tudo me parecia risonho, até à morte dos meus pobres irmãos, desde então comecei a sofrer sozinha, ninguém na minha nova Pátria conhecia meus Parentes, eram estrangeiros para todos, se estava triste mostrava demais o que sentia, se ria fazia bulha demais, assim se foi formando o meu caráter e com 19 anos já tinha sentido mais aspereza da vida do que muitos toda a sua vida."

O amor fraternal esteve também presente na Literatura portuguesa. É conhecida a dedicação de Florbela Espanca ao seu irmão mais novo, Apeles. Uma dedicação marcada, como tantas coisas na vida da poetisa, pela tragédia, já que, na sua instrução para piloto, o jovem se despenharia no Tejo, tendo morte imediata. Desolada, Florbela dedicar-lhe-ia o poema *In Memoriam*, que termina assim: "Batida por furiosos vendavais! / – Eu fui na vida a irmã dum só Irmão, / E já não sou a irmã de ninguém mais!"

Das brincadeiras de irmãos nasceram também muitas vocações artísticas. A História do Cinema está cheia de bons exemplos como os da dupla Catherine Deneuve/Françoise D'Orléac (prematuramente desfeita pela morte acidental da segunda), Warren Beatty e Shirley MacLaine, Jane e Peter Fonda, Pedro e Agustin Almodóvar e, claro, os impagáveis irmãos Marx. O mesmo acontece na Música, onde, em meados do século XX, chegou a ser moda as bandas compostas por irmãos como as norte-americanas Andrew Sisters, os Carpenters ou os Everly Brothers. Portugal não escapou a esta tendência, já que, nas décadas de 40 e 50, atingiram grande popularidade as irmãs Remartinez (Nini e Armanda) e as irmãs Meireles, trio formado por Cidália, Rosália e Milita. Também na música erudita houve duplas assinaláveis como as pianistas francesas Katia e Marielle Labèque.

Mas nestas histórias de vocações familiares, nunca faltou quem homenageasse o irmão que se dedicava a outra arte. No documentário de Manoel de Oliveira, *As Pinturas do meu irmão Júlio*, o escritor José Régio presta homenagem ao pintor Saul Dias. Na verdade, esse era o nome artístico do seu irmão mais novo, Júlio dos Reis Pereira.

Os três mais famosos irmãos Marx, figuras ímpares do cinema americano.

D.R.

Jovens "nem-nem" aumentaram, mas Portugal cumpre meta da UE

TRABALHO 8,9% da população entre os 15 e os 29 anos não estudava nem trabalhava em 2023, mais 0,5 pontos percentuais do que no ano anterior. Na União Europeia taxa é de 11,2%.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Em 2023, 11,2% dos jovens entre os 15 e os 29 anos na União Europeia não estudavam nem trabalhavam. Um valor ligeiramente inferior ao do ano anterior, quando a taxa média se situava nos 11,7%. Em Portugal, a evolução foi em sentido contrário, com um ligeiro agravamento: a taxa dos chamados "nem-nem" passou de 8,4% para 8,9%. Serão cerca de 140 mil jovens nessa situação, revelou no final do ano passado o secretário de Estado do Trabalho do anterior governo, Miguel Fontes. Mesmo assim, Portugal é um dos nove países que já cumpre a meta europeia de 2030 de ter menos de 9% da população entre os 15 e os 29 anos sem ocupação, a par da Alemanha, Dinamarca, Eslovénia, Irlanda, Luxemburgo, Malta, Países Baixos e Suécia.

Os dados são do Eurostat e mostram que a realidade é distinta nos vários Estados-membros, variando entre o mínimo de 4,8% dos Países Baixos e o máximo de 19,3% da Roménia. "É importante garantir que a transição da educação para o trabalho seja tranquila para os jovens adultos e também realçar os riscos de não estarem empregados, nem a estudar. Existem riscos, tanto para o indivíduo como, a longo prazo, para a sociedade, se os jovens adultos se encontrarem desligados da educação e do mercado de trabalho", pode ler-se no relatório ontem divulgado.

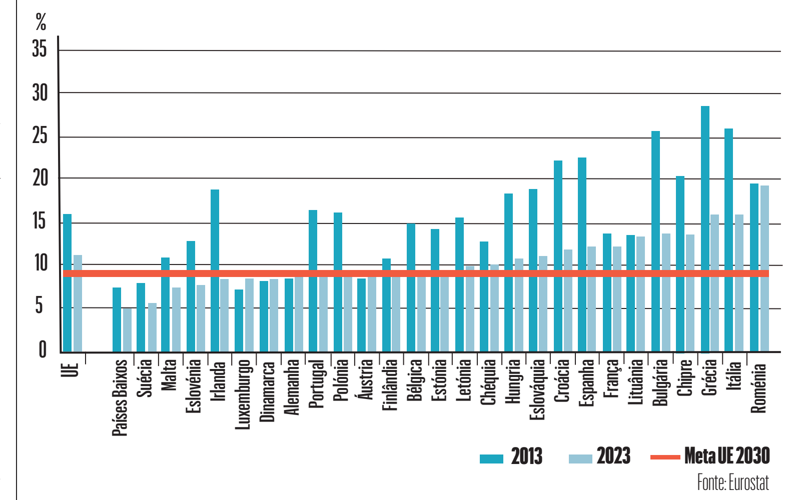
Em Portugal, são 8,9% dos jovens nesta situação, sendo que a maioria (5,3%) são desempregados. Na análise por género a diferença não é significativa, sendo a taxa de "nem-nem" de 9% nos homens e de 8,9% nas mulheres. Na divisão total destes jovens pelas diferentes faixas etárias, Portugal tem uma média de 3,4% de jovens que não trabalham nem estudam entre os 15 e 19 anos, 12% entre os 20 e os 24 anos e 11% entre os 25 e os 29 anos.

Segundo o estudo, o número médio de jovens nesta situação desceu, continuamente, entre 2013 e 2019 em toda a União Europeia, mas subiu em 2020 por causa da pandemia. A partir de 2021 voltou à sua trajetória anterior. Globalmente, numa década, a média de jovens que não estudavam nem trabalhavam baixou em 4,9 pontos percentuais em toda a Europa, sendo que as descidas mais significativas ocorreram na Grécia (menos 12,5 pontos percentuais para o atuais 16%), Bulgária (13,8%, menos 11,9 pontos percentuais), Croácia (menos 10,5 pontos percentuais para 11,8%) , Irlanda (menos 10,3 pontos percentuais para 8,5%) e Espanha (tem uma taxa de 12,3%, menos 10,2 pontos percentuais do que há uma década). Mas há quem tenha feito o percurso inverso, com um agravamento destes casos, com destaque para a Áustria, em que os "nem-nem" aumentaram 0,8 pontos percentuais para os atuais 9,4% , e o Luxemburgo, que tem uma taxa de 8,5%, mais 1,3 pontos percentuais do que em 2013. Portugal passou de cerca de 16% para os 8,9%.


Em Portugal a taxa de jovens "nem-nem" é equilibrada entre homens e mulheres.

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

Jovens que não estudam nem trabalham na UE em 2013 e 2023



O nível de estudos parece ter um peso significativo nesta situação já que, refere o Eurostat, em 2023, a taxa de jovens que não estudavam nem trabalhavam era de 12,9% para os que tinham um nível de escolaridade baixo, que comparava com os 11,6% dos que tinham uma escolaridade média e os 7,8% entre os que tinham um nível de escolaridade elevado.

E se em Portugal a taxa de jovens "nem-nem" é relativamente equilibrada entre homens e mulheres, na Europa já não é assim: a taxa era de 12,5% entre as mulheres e de 10,1% entre os homens. "Há uma série de fatores que podem explicar a disparidade de género. Por exemplo, convenções ou pressões sociais, que tendem a dar maior importância ao papel das mulheres dentro da família e ao papel dos homens no sustento do agregado através do trabalho. Além disso, existe o risco de questões relacionadas com o mercado de trabalho, tais como: os empregadores preferem contratar homens jovens em vez de mulheres jovens; mulheres jovens que enfrentam dificuldades de assimilação quando regressam ao trabalho após o parto; as mulheres jovens têm maior probabilidade de ter empregos mal remunerados ou empregos precários, etc.", salienta o estudo. Além de Portugal, Finlândia, Espanha e Suécia foram os únicos a registar taxas similares entre homens e mulheres. A maior diferença entre géneros existe na Chéquia, com mais 10,9 pontos percentuais entre as mulheres, e na Roménia, com mais 10,7 pontos percentuais.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Cabaz do ex-IVA zero ao valor mais baixo do ano

O cabaz alimentar que beneficiou do desconto do IVA zero durante grande parte de 2023 está agora ao valor mais baixo desde o início do ano. De acordo com os dados da Deco Proteste, que semanalmente compara os preços dos bens alimentares de um cabaz essencial e do cabaz do IVA, este último custava, a 29 de maio, 139,76 euros, menos 3,52 euros do que a 3 de janeiro de 2024.

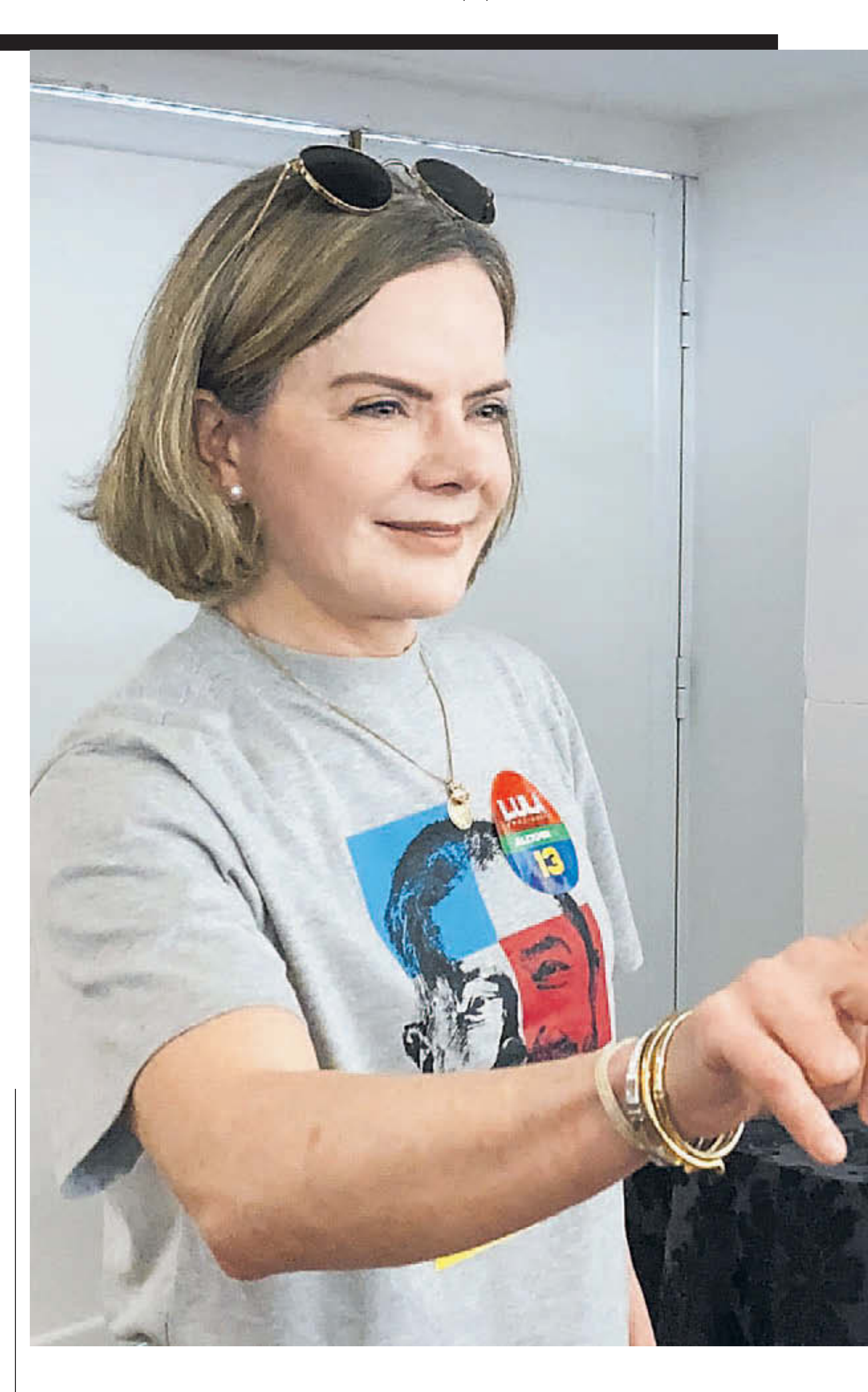
A descida é de 2,46% quando comparado com os 143,28 euros que custava, no arranque do ano, este cabaz de 41 produtos essenciais monitorizados pela Deco e que, entre abril de 2023 e os primeiros dias de janeiro deste ano, beneficiaram do IVA zero, o desconto total do imposto decretado pelo Governo como forma de aliviar os consumidores do efeito da subida da inflação. Comparativamente à véspera da entrada em vigor da medida, o cabaz está agora cerca de um euro mais caro – custava então 138,77 euros – fruto do agravamento de preços de 2,47% no peixe e de 7,63% nos produtos de mercearia. Em contrapartida, carne, congelados, frutas e legumes e laticínios estão agora todos mais baratos, com descidas que vão de 0,34% a menos na carne aos 14,63% a menos nos congelados.

Nos produtos com maior agravamento de preço face à entrada em vigor da medida do IVA zero, destaque para o azeite virgem, que está 29% mais caro, a pescada fresca, que encareceu 20%, o atum posta em azeite e a maçã gala, com preços 19% e 18%, respetivamente, mais caros. Face ao início de 2024, os produtos com aumentos de preço mais significativos são o salmão (+24%), atum posta em azeite (+16%), dourada (+14%) e o óleo alimentar (+10%), entre outros. Comparativamente à semana passada, o iogurte líquido sofreu um aumento de 17%, a massa esparguete de 10% e o pão de forma sem côdea de 9%. **ILÍDIA PINTO**

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Gleisi Hoffmann
"O Chega fora do governo é alívio, com essa gente não se brinca"

BRASIL Presidente do Partido dos Trabalhadores, de Lula, vê na política portuguesa reflexos da brasileira, "onde há uma disputa entre o campo popular e democrático, de um lado, e a extrema-direita do outro".



ENTREVISTA **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

Com quase ano e meio de governo de Lula da Silva percorrido, Gleisi Hoffmann, a presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), força política de centro-esquerda que o atual chefe de Estado fundou, sublinha que a clivagem política que se vive hoje no Brasil – e não só – "é entre o campo popular e democrático, de um lado, e a extrema-direita, do outro".

Em entrevista ao DN, sublinha a capacidade de reação do Governo Lula à catástrofe das enchentes no Rio Grande do Sul por contraste com a resposta do governo anterior, liderado por Jair Bolsonaro, "um negacionista climático, um predador ambiental e uma pessoa insensível, que passeava e fazia festas enquanto a população sofria".

Hoffmann, deputada reeleita em 2022, ex-senadora e ex-ministra, acredita que Lula se recandidatará em 2026 e sublinha a relevância das eleições municipais de outubro, sobretudo, em São Paulo, a maior cidade do Brasil, onde o PT apoia a candidatura do ex-candidato presidencial Guilherme Boulos, do PSOL, contra o atual prefeito, apoiado pelo bolsonarismo. "O objetivo central do PT nas eleições municipais é enfrentar e derrotar a extrema-direita em São Paulo e em todo o país".

Sobre Portugal, acompanhou a ascensão do Chega nas eleições de março com preocupação mas diz-se aliviada por não o ver no governo. "Com essa gente não se brinca, não se faz acordo. Veja que eles tentaram dar um golpe de força no Brasil".

Como avalia a reação do presidente Lula e do governo nas enchentes do Rio Grande do Sul?
O presidente Lula mobilizou prontamente todo o governo federal no socorro de emergência, no resgate das vítimas e na solidariedade ao povo gaúcho. Já esteve quatro vezes no estado, levando autoridades de outros poderes da República, com a intenção de sensibilizar todos para a gravidade da situação e a urgência necessária ao atendimento e à reconstrução que terá de ser feita. Isso resultou no deslocamento de milhares de agentes civis e militares, da defesa civil, da saúde, dos transportes, entre outros, além de aeronaves, um grande navio da Marinha, equipamentos, medicamentos e cestas de alimentos. Resultou na libertação de recursos extraordinários de mais de 50 mil milhões de reais [cerca de nove mil milhões de euros] para a recuperação da infraestrutura e da economia regional e, especialmente, recursos para as famílias enfrentarem as suas perdas, reconstruírem os seus lares e as suas vidas.

> *"Bolsonaro é um negacionista climático, predador ambiental e pessoa insensível, que passeava e fazia festas enquanto a população sofria, não há como comparar Lula e o seu antecessor, são como água e vinagre."*

E como compara a reação de Lula com a de Bolsonaro na pandemia e noutras tragédias?
A reação de Lula é o exato oposto do comportamento, em situações de calamidade, de Jair Bolsonaro, um negacionista climático, predador ambiental e pessoa insensível, que passeava e fazia festas enquanto a população sofria. Não há como comparar Lula e seu antecessor. São como água e vinagre.

A aprovação ao governo Lula, segundo as últimas sondagens, está aquém do esperado? O que falta fazer?
Creio que é necessário um posicionamento político mais firme dos ministros e do conjunto do governo em relação à catástrofe que recebemos de Bolsonaro. Não se trata apenas de enfrentar e denunciar o golpismo e as posições antidemocráticas do governo anterior mas denunciar de maneira pedagógica a desmontagem que fizeram do Estado brasileiro e das políticas públicas que interessam diretamente à maioria da população. Denunciar o que fizeram com a Saúde, a Educação e a Infraestrutura, a Cultura, o Ambiente, os direitos dos indígenas, mulheres e negros, toda a desmontagem que está tendo de ser reconstruída a muito custo. Isso deve ser lembrado quotidianamente, para que não seja naturalizado e para que as pessoas possam fazer a comparação. E temos de lembrar também que muitos programas e ações do governo Lula, como a retomada do programa de habitação Minha Casa Minha Vida, das obras de infraestrutura, de modernização da indústria e até mesmo a recomposição dos salários ainda se encontram amadurecendo e só mais tarde seus efeitos serão claramente percebidos pela população no dia a dia. E consequentemente devem refletir na aprovação medida pelas sondagens.

No plano eleitoral, o PT disputa eleições municipais este ano: a eleição de Guilherme Boulos, do PSOL, em São Paulo, maior município do país, é o principal objetivo do partido?
O PT participa da eleição de São Paulo apoiando Guilherme Boulos, do PSOL, e indicando a sua *vice*, a companheira Marta Suplicy. É certamente da maior importância esta eleição, para o Brasil e para a democracia, por se tratar da maior cidade do país, onde haverá um enfrentamento direto com a extrema-direita, representada pelo atual prefeito aliado de Bolsonaro e sua cria, o governador Tarcísio de Freitas. O objetivo central do PT nas eleições municipais é enfrentar e derrotar a extrema-direita em São Paulo e em todo o país. Temos candidatos competitivos em muitas cidades. Onde não temos as melhores condições de disputa, apoiamos nomes do campo popular e fazemos alianças com candidatos do campo democrático, desde que estejam comprometidos com a reeleição de Lula. Porque esta é a clivagem política atualmente no Brasil, uma disputa entre o campo popular e democrático, de um lado, e a extrema-direita, do outro. Barrar o retorno do bolsonarismo, nestas eleições e nas de 2026, é fundamental para garantir o processo democrático no Brasil.

A eleição presidencial de 2026 ainda vem longe mas o PT acredita que Lula se recandidatará?
Esperamos sinceramente que sim. Por toda a sua trajetória política, o

Perfil

Gleisi Helena Hoffmann é natural de Curitiba e tem 58 anos
> Além de ser deputada federal pelo Paraná desde 2019, é presidente do Partido dos Trabalhadores há quase seis anos
> Foi senadora por oito anos
> E ministra da Casa Civil, a principal pasta política nos governos no Brasil, de 2011 a 2014, sob a presidência de Dilma Rousseff
> É advogada com pós-graduação em gestão financeira



"Aprovação do governo está aquém? Muitos programas e ações ainda se encontram amadurecendo e só mais tarde seus efeitos serão claramente percebidos pela população no dia a dia."

"Lula tem credibilidade dentro e fora do Brasil para consolidar o processo democrático brasileiro. Não temos outra liderança com tamanha envergadura. Esperamos que ele se recandidate em 2026."

legado de seus governos, a identificação com o povo, Lula é o nome capaz de unir o campo popular, progressista e democrático. Demonstrou isso mais uma vez nas eleições de 2022. E é também aquele que pode conduzir a reconstrução de um país devastado por mais de seis anos de governos neoliberais e da extrema-direita. Lula tem credibilidade dentro e fora do Brasil para seguir nessa tarefa gigantesca e consolidar o processo democrático brasileiro. Não temos outra liderança com tamanha envergadura.

Bolsonaro não concorre em 2026 por estar inelegível. Com processos a correr contra ele na justiça, acredita que acabará preso?

Acreditamos que ele será julgado, dentro do devido processo legal, e responsabilizado pelos crimes que cometeu e todo o mal que fez ao país e ao povo. As ações em andamento, uma delas já com a denúncia apresentada pelo Ministério Público, lastreiam-se em investigações criteriosas da Polícia Federal que resultaram em provas robustas para a condenação. Na verdade, ninguém tem mais certeza de que ele vai parar na cadeia do que o próprio Jair Bolsonaro. Este é o motivo que o faz levantar a inacreditável bandeira de uma amnistia prévia, valendo-se como sempre de mentiras para desqualificar o poder judicial. Infelizmente, nenhuma condenação trará de volta as centenas de milhares de vidas sacrificadas pelo negacionismo e a criminosa irresponsabilidade de seu governo diante da pandemia de covid-19.

A extrema-direita cresceu muito em Portugal nas últimas eleições, através do Chega, partido com aliança transnacional a outros grupos de extrema-direita, como o bolsonarismo no Brasil. O PT está preocupado com esse crescimento num país em que quase 5% da população é brasileira?

Claro que sim. Não apenas o PT, mas os democratas de maneira geral. Vemos com muita preocupação o avanço da organização e da propaganda da extrema-direita ao redor do mundo. Gente como Bolsonaro, Orban e outros não ameaça apenas a democracia, mas a civilização e a própria humanidade. Vimos com alívio o entendimento dos partidos no parlamento português que barrou a entrada do Chega no governo. Com essa gente não se brinca, não se faz acordo. Veja que eles tentaram dar um golpe de força no Brasil. E vejo também que é urgente, no Brasil, em Portugal, na Espanha, em toda a parte, trabalharmos para que a democracia seja capaz de responder às necessidades reais, expectativas e ansiedades da população, especialmente das camadas que mais precisam. Só assim poderemos conter movimentos como o Chega, o Vox e outros, que manipulam as insatisfações e frustrações das pessoas com um discurso manipulador e fanatizante.


EPA/JJ GUILLEN

Socialistas, aliados e independentistas aplaudem aprovação da lei da amnistia.

Amnistia aprovada, mas ainda não há data para regresso de Puigdemont

ESPANHA Juízes têm dois meses para decidir os casos individuais, mas procuradores alegam que crime de peculato não está incluído.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O Congresso espanhol deu ontem a luz verde final à polémica lei da amnistia que beneficia os independentistas catalães, entre eles o exilado ex-líder da Generalitat, Carles Puigdemont. "O perdão é mais poderoso que o rancor", escreveu na rede social X o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, que avançou para a amnistia de forma a garantir o apoio dos independentistas à sua investidura.

A votação foi feita em alta voz, com Sánchez a ser apelidado de "traidor" pela extrema-direita do Vox no momento do "sim" à amnistia. Quando os resultados foram anunciados – 177 votos a favor e 172 contra (uma deputada do Podemos faltou por questões pessoais) – socialistas, aliados e independentistas aplaudiram de pé, enquanto os representantes do Partido Popular (PP) e Vox saíram da sala. A votação de ontem ultrapassou o veto do Senado (onde o PP tem a maioria).

Nas galerias destinadas aos convidados, onde estavam alguns dos que serão beneficiados pela amnistia, incluindo o líder da Esquerda Republicana da Catalunha (ERC), Oriol Junqueras, também se festejou. "Hoje é um grande dia e uma grande vitória, mas nada acaba hoje e continuaremos a lutar pela democracia", escreveu no X.

Desde a Bélgica, onde vive exilado, o ex-presidente da Generalitat, Carles Puigdemont, falou de um "acontecimento histórico na longa e não resolvida batalha entre a Catalunha e o Estado espanhol". Disse também que "um erro foi corrigido" com a amnistia, mas ainda há muito a fazer. "O caminho a percorrer não é propriamente um caminho de rosas, a começar pela aplicação da própria lei. Mas hoje tiramos dos nossos pés os espinhos que nos impediam de seguir em frente", indicou.

Puigdemont não deu nenhuma data para o seu eventual regresso a Espanha. A aplicação da amnistia cabe agora aos juízes, que têm um prazo de dois meses para decidir os casos individuais – seja libertar quem está preso ou retirar os mandados de captura que existem. É esse o caso de Puigdemont, que ainda não tem o caminho livre para o regresso. Os procuradores que foram responsáveis pelo julgamento do processo independentista consideram que a amnistia não se aplica ao crime de peculato, de que também é acusado, apenas aos de desobediência e desordem pública. A decisão caberá ao juiz Pablo Llarena.

"Temos amnistia. Como prometemos. E também teremos o referendo. Porque a Catalunha deve e irá votar no seu futuro em liberdade", disse o presidente do governo catalão, Pere Aragonès, da ERC, ainda antes da votação. Já depois, numa declaração oficial, acrescentou: "A amnistia é um passo muito importante, mas, por si só, não resolve o conflito entre Espanha e Catalunha. As causas subjacentes devem ser abordadas: o choque de legitimidade, o choque de soberanias, a vontade de ser e de decidir."

No debate, o líder do PP, Alberto Núñez Feijóo, acusou Sánchez de "corrupção política", considerando que esta lei é "a certidão de óbito do PSOE". As comunidades autónomas lideradas pelo PP, com a de Madrid à cabeça, já anunciaram que vão recorrer para o Tribunal Constitucional.

susana.f.salvador@dn.pt

Aliados mais perto de "desatar a mão atrás das costas" da Ucrânia

GUERRA Está a ganhar tração o fim da limitação ao território ucraniano do uso de armas doadas pelos ocidentais, apesar das ameaças de Putin e de Lavrov. Biden inclinado a levantar restrição.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

A Noruega é o mais recente país a pronunciar-se favoravelmente pelo direito de as forças ucranianas usarem as armas fornecidas pelos parceiros ocidentais em solo russo, um tabu que poderá estar a dias de ser quebrado por completo. Perante a demonstração de apoio internacional a Kiev nos últimos dias, Moscovo voltou, sem surpresa, a agitar o fantasma da ameaça nuclear.

Como os anteriores dirigentes ocidentais que abordaram o tema, o ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês lembrou que a Ucrânia, ao abrigo do direito internacional, pode atacar o território russo como parte da sua defesa. "Por conseguinte, em princípio, consideramos que a Ucrânia pode utilizar as armas recebidas dos países ocidentais contra alvos militares relacionados com a guerra na Ucrânia. Caso contrário, estamos a impor uma restrição à Ucrânia que complica a sua vitória", disse Espen Barth Eide. Uma restrição que o ministro pintou com tintas coloridas ao afirmar que a Ucrânia "não deve ser forçada a lutar com uma mão atada atrás das costas".

Esta discussão começou com o início da incursão terrestre russa a Kharkiv, complementada com bombardeamentos executados a poucos quilómetros de distância, na região russa de Belgorod. Em meados do mês, o presidente Volodymyr Zelensky, numa entrevista à AFP em que se mostrou crítico de certos líderes desejosos que "a Ucrânia vença sem que a Rússia perca", pediu o fim das restrições para usar armas doadas em alvos militares russos. Na semana passada, o secretário-geral da NATO, em entrevista à *The Economist*, reavivou o debate, ao criticar os aliados por não terem ainda entregado o milhão de munições de calibre 155 mm, como prometido há meses, e ao dizer que "chegou a altura de os aliados considerarem se devem levantar algumas das restrições que colocaram à utilização das armas que doaram à Ucrânia". Jens Stoltenberg voltou à carga na quinta-feira, antes da reunião de dois dias dos ministros dos Negócios Estrangeiros da aliança, ao lembrar que "nas últimas semanas e meses, a maior parte dos combates pesados teve lugar ao longo da fronteira entre a Rússia e a Ucrânia". Graças à sua intervenção, que pode ser vista como uma crítica ao presidente dos EUA Joe Biden e ao chanceler alemão Olaf Scholz, nos últimos dias vários ministros, chefes de governo e de Estado saíram a terreiro para falar sobre o tema. Como tem sido uma constante, o Reino Unido, a Polónia e os países nórdicos e bálticos têm estado na linha da frente do apoio a Kiev e neste caso não foi exceção. O presidente francês juntou a sua voz, e logo ao lado Scholz. "Temos de lhes permitir neutralizar os pontos militares a partir dos quais os mísseis são disparados e, basicamente, os pontos militares a partir dos quais a Ucrânia é atacada", disse Emmanuel Macron. O chefe do governo alemão disse que a Ucrânia deve atuar dentro do quadro do direito internacional – como previsto no artigo 51 da Carta das Nações Unidas, é legítimo defender-se atacando o agressor no seu território –, mas continua a opor-se ao envio dos mísseis Taurus.

Desde o início da invasão russa que os EUA têm mostrado cautela, o que inclui até agora a restrição do uso das suas armas em território russo. "Os americanos pensam que devem evitar uma escalada com a Rússia, criando zonas de ambiguidade, mas isso estimula a Rússia. A Rússia precisa de ter linhas muito claras. Uma zona cinzenta é apenas um convite à tentativa", disse ao *The Washington Post* o secretário do Conselho de Segurança e Defesa da Ucrânia, Oleksandr Lytvynenko. Segundo o *The New York Times*, Biden estará perto de permitir o uso das armas, mas apenas junto da fronteira ucraniana e nunca contra infraestruturas não militares. Prova de que as relações entre a Ucrânia e os EUA são mais complexas do que aparentam, um funcionário sob anonimato disse que Washington tinha manifestado a Kiev preocupação com os recentes ataques ucranianos contra as estações de radar russas que alertam a defesa aérea convencional mas também lançamentos nucleares. Os EUA não querem pôr em causa a estabilidade estratégica entre as duas potências nucleares, mas Moscovo aproveita os momentos em que os aliados fazem anúncios significativos de apoio para reintroduzir a ameaça nuclear. Depois de Vladimir Putin ter advertido "os pequenos países" europeus "densamente povoados", o ministro Sergei Lavrov disse esperar que os exercícios nucleares em curso em conjunto com a Bielorrússia "ponham os adversários em sentido".

cesar.avo@dn.pt



LISTA

Uso de armas ocidentais em território russo

Países favoráveis
- Canadá
- Eslovénia
- Estónia
- Dinamarca
- Finlândia
- França
- Letónia
- Lituânia
- Noruega
- Países Baixos
- Polónia
- Reino Unido
- República Checa
- Suécia

Nem sim nem não
- Alemanha

Desfavoráveis
- Estados Unidos
- Itália



LUDOVIC MARIN / POOL / AFP

Ao lado de Scholz e com um mapa da Ucrânia na mão, Macron defendeu o direito de Kiev atingir solo russo.

BREVES

Xi quer cimeira para a paz no Médio Oriente

Durante um encontro com líderes árabes em Pequim, o presidente da China pediu a realização de uma conferência de paz para resolver o conflito entre Israel e o movimento islamista palestiniano Hamas. Xi Jinping disse que o seu país "apoia a plena integração da Palestina na ONU e apoia uma conferência de paz internacional ampla, autorizada e eficaz". Para o líder chinês, "o Médio Oriente é uma terra dotada de vastas possibilidades de desenvolvimento, mas a guerra está a devastá-la", pelo que esta "não deve continuar indefinidamente" nem "a justiça não tem que estar ausente para sempre". Em março do ano passado, a China, que há décadas defende a solução de dois estados para o fim do conflito israelo-palestiniano, mediou um acordo de restabelecimento de relações entre a Arábia Saudita e o Irão.

Condenados 14 ativistas em Hong Kong

Catorze pessoas foram consideradas culpadas de subversão por um tribunal de Hong Kong, no maior julgamento contra ativistas pró-democracia desde que a China impôs em 2020 a lei de segurança nacional àquela região especial para eliminar qualquer dissidência. Os 14 réus, além de outros 31 que já se declararam culpados, podem enfrentar penas de prisão perpétua. As sentenças serão anunciadas ainda este ano. Dois ex-vereadores foram absolvidos. O veredicto, cuja leitura foi ouvida no tribunal por diplomatas estrangeiros, recebeu a condenação da Austrália, do Reino Unido e da UE. À porta do tribunal, a polícia prendeu o presidente da Liga dos Social-democratas, Chan Po-ying, entre outros manifestantes, após este ter defendido que Hong Kong "deveria ser um lugar com liberdade de expressão e reunião".



Opinião
Raúl M. Braga Pires

2024. "O Verão Quente" dos Haratines da Mauritânia!

Junho é mês de campanha e eleições presidenciais na Mauritânia, assunto que também nos diz respeito! Porquê? Porque a sorte do processo nos poderá afectar o prato! É verdade, muito do peixe que nos é servido/vendido, vem das águas mauritanianas. Eu próprio, no improviso da oportunidade, desenrasquei uma boleia para Nouakchott, a partir de Rabat, num camião frigorifico que regressava do MARL e tinha como destino um entreposto de pescado, gerido por um português, na capital da Mauritânia. O já falecido Dimas desenrascou muitos estudantes portugueses, sobretudo antropólogos, cujo trabalho de campo obrigava a deslocações, que este português facilitava através dos camiões que semanalmente fornecem o MARL, mas também com um avião de carga deste entreposto de peixe e que numa base quase diária chegou a ligar Nouakchott a Lisboa com canastas de sardinha, corvina, salmonete, anchova e lagosta. É esta a importância da Mauritânia para a felicidade dos portugueses!

29 de junho será dia de braço-de-ferro entre o actual Presidente (PR) Mohamed Ould Cheikh El Ghazouani e "a promessa de mais de uma década", o anti-esclavagista Biram Dah Abeid! Isso mesmo, o anti-esclavagista do IRA da Mauritânia, a Iniciativa para o Ressurgimento do movimento Abolicionista. Biram e o IRA já eram um "segredo-de-polichinelo" antes da Primavera Árabe (desde 2008), mas é com o surgimento da contestação social na Tunísia e depois Egipto em janeiro de 2011, que o "momento Biram" se temeu na Mauritânia. Porquê? Porque o mesmo representa os Haratines, os "mouros negros", tradicionalmente escravizados pelos "mouros brancos", ou ainda, numa tradução colonial, "os escravos libertos" do "*affranchi* francês"! Os Haratines, representam cerca de 40% da população da Mauritânia, mas não têm noção da sua força em união, pois são a etnia menos instruída e mais distribuída pelo inóspito deserto, logo mais vulnerável à manipulação dos patrões, que instigam à "zizania entre grupos de fazenda", na materialização das rivalidades entre os senhores da terra, ou apenas pelo "viagra do gozo" que manipular dá!



29 de junho será dia de braço-de-ferro entre o actual Presidente Mohamed Ould Cheikh El Ghazouani e "a promessa de mais de uma década", o anti-esclavagista Biram Dah Abeid!"

Biram, um haratine formado em Direito, percebe a visibilidade que a Primavera Árabe poderia trazer à sua causa e "sai do segredo" para abertamente mobilizar a sua etnia no esclarecimento e na necessidade de inscrição para poderem contar. Sem bilhete de identidade e/ou cartão de eleitor, de nada vale protestar. Era esta a condição de 40% da população de país tão próximo de Portugal! Este "Mandela da Mauritânia" foi segundo classificado nas presidências de 2019 e em 2014 entrou na mui exclusiva lista das *10 People Who Changed The World You Might Not Have Heard Of* da PeaceLinkLife e uma das 100 Personalidades Mais Influentes do Mundo, no mesmo ano, pela revista *Time*!

Este é o principal desafiador do actual PR Ghazouani, cujo partido a que pertence, o Partido da Equidade, uma geringonça que junta o União para a República e uma miríade de pequenos partidos fiéis ao actual PR, mantém a confiança no eleitorado que lhes concedeu uma maioria absoluta nas legislativas de 2023, mas as mudanças estão a acontecer do Chade ao Senegal, umas a tiro, outras a poder voto!

Importante, importante, é este processo não cair na dúvida do escrutínio e da "chapelada eleitoral", que rapidamente se passará do voto à catana, tal é o ranger de dentes dos Haratines, desde que a voz e figura de Biram Dah Abeid os representa e defende, conferindo-lhes a "dignidade do escravo que pode não o ser"!

Bon Courage Mauritânia, *Bonne chance oh haratines*!

Politólogo/arabista www.maghreb-machrek.pt
Escreve de acordo com a antiga ortografia



Opinião
Victor Ângelo

Nas vésperas das eleições europeias, urge falar claro

A Carta das Nações Unidas estabelece, no seu Artigo 93, que cada Estado-membro da ONU faz obrigatoriamente parte do Tribunal Internacional de Justiça (TIJ). Tem, por isso, que respeitar as decisões do Tribunal. O não cumprimento de uma sentença do TIJ coloca um Estado numa situação ilegal perante a lei internacional. Os governos que continuarem a colaborar com esse Estado fora-da-lei, na prossecução das atividades condenadas pelo TIJ, colocam-se então numa situação de cumplicidade política, que poderá, um dia, ser também objeto de julgamento. De qualquer modo, a conivência de natureza política já é suficientemente grave. Põe em causa a ordem internacional e tem um impacto negativo sobre a imagem dos governos que assim agem.

Parece-me importante lembrar esta questão, numa altura em que a lei internacional está a ser constantemente violada e quando muitos se esquecem que as decisões do TIJ são vinculativas, sem exceção, mesmo quando o Conselho de Segurança se abstém de as fazer executar. Isto não vem apenas a propósito da sentença proferida há uma semana, que ordenou a Israel que pare a ofensiva militar contra Rafah, na Faixa de Gaza. Refere-se, igualmente, à resolução do Tribunal que a 16 de março de 2022 mandou a Rússia suspender de imediato as suas operações militares em território ucraniano.

Passados mais de dois anos, Moscovo continua a ignorar a sentença do TIJ. Comporta-se, assim, como um Estado que não respeita as decisões de uma instituição que desde a fundação da ONU tem sido considerada como fundamental para a resolução pacífica dos diferendos entre os Estados e a consolidação da paz. Quando a Rússia ou a China, ou ainda qualquer outra potência, nos falam da criação de uma nova ordem internacional, parecem procurar fazer-nos esquecer os pilares que estão na base do estabelecimento das Nações Unidas e que têm sido aprofundados ao longo de décadas, sobretudo a partir do fim da Guerra Fria. Esses pilares dizem respeito à manutenção da paz, aos direitos humanos, à lei internacional e ao desenvolvimento.

A nova ordem pela qual nos devemos bater deve ter em conta a soberania de cada Estado e os direitos fundamentais de cada ser humano. Falar desse assunto com seriedade passa pela reforma do Conselho de Segurança, pela independência dos povos subjugados por outros, por um novo tipo de solidariedade global e pelo restabelecimento da paz em várias partes do mundo, a começar pela Ucrânia e a Palestina. Menciono especialmente estes dois conflitos, primeiro pelos custos humanos que provocam; segundo, pelo perigo que representam para a estabilidade internacional; e terceiro por causa do impacto político que têm sobre o futuro da União Europeia.

Nas vésperas das eleições europeias, temos de ser claros quanto ao perigo que a Rússia representa para a paz na Europa. As campanhas eleitorais não podem passar ao lado desta questão. É preciso enviar uma mensagem forte a Vladimir Putin e aos que, entre nós, o apoiam, de modo direto ou disfarçado. A mensagem deve sublinhar que a UE ambiciona voltar a estabelecer uma vizinhança harmoniosa com a Rússia, que terá como primeiro passo o início de um processo de negociações entre esse país e a Ucrânia. Mas também está pronta para reforçar a sua aliança com a Ucrânia, incluindo a utilização de todos os meios necessários para fazer respeitar a soberania de um país vítima de uma agressão injustificada. Ou seja, a escolha é simples: a via do diálogo, complexa, mas possível, ou a via da legítima defesa, com todo o apoio europeu que tal possa implicar.

As campanhas eleitorais também não podem ser ambíguas em relação a Israel. A UE deve ter em conta a lei humanitária internacional, o facto que 146 membros da ONU reconhecem o Estado da Palestina e que um alinhamento acrítico com os EUA não serve os interesses da paz no Médio Oriente, nem tampouco engrandece a imagem da Europa.

O Estado de Israel tem todo o direito à legítima defesa. Porém, o que está a praticar ultrapassa inequívoca e dramaticamente esse direito. Os políticos europeus não podem ficar silenciosos nem mostrar medo de serem acusados de antissemitismo. Na política europeia que defendo não há nem haverá espaço para o antissemitismo. Como também não pode haver espaço para a parcialidade e jogos duplos. O valor da UE constrói-se, acima de tudo, a partir da sua adesão à solidariedade entre nações e aos princípios do direito internacional. Apesar das diferenças culturais, certos princípios têm um âmbito universal. Seria bom que os candidatos a deputados no Parlamento Europeu soubessem explicar isto aos nossos concidadãos e aos nossos aliados exteriores, com frases objetivas, breves e corajosas.

Conselheiro em segurança internacional.
Ex-secretário-geral-adjunto da ONU



JÁ NAS BANCAS
Volta ao Mundo
BÉLGICA
FOMOS FAZER BRUXELAS A PÉ
EURO 2024
A ALEMANHA NÃO É SÓ FUTEBOL
SÃO TOMÉ
O PARAÍSO AFRICANO QUE NOS ROUBA A ALMA
E PRÍNCIPE
NESTA EDIÇÃO
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
O paraíso africano que nos rouba a alma
EURO 2024
A Alemanha não é só futebol
BÉLGICA
Fomos fazer Bruxelas a pé
ASSINE AQUI
Volta ao Mundo

Conceição só aceita Marselha com garantias de forte investimento

FC PORTO Saída do Dragão deve ser acertada segunda-feira. Franceses apertam o cerco, mas o treinador só aceita se houver projeto ambicioso e reforço do plantel com jogadores de qualidade.

TEXTO **NUNO FERNANDES**



LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Ciclo de Conceição no Dragão está a terminar. Será França o próximo destino?

A reunião que deverá selar o adeus definitivo ao FC Porto está agendada para segunda-feira e até lá Sérgio Conceição vai meditar sobre o convite que lhe foi endereçado pelo Marselha. O interesse do clube francês é real, têm existido conversas entre as partes há alguns dias, mas o treinador português quer garantias de que haverá dinheiro para investir em reforços.

De acordo com o jornal *L'Équipe*, a proposta financeira do Marselha é atrativa e o contrato, à partida, será válido por duas ou três temporadas. Mas Conceição ainda está meio hesitante, pois além dos franceses não estarem apurados para qualquer prova europeia na próxima época (terminaram a liga francesa no oitavo posto), só admite assinar com garantias de que haverá um investimento forte em reforços, pois só aceitará o desafio se tiver uma equipa competitiva para dar luta ao crónico e milionário campeão francês PSG.

Nos últimos dias têm existido conversas no sentido de perceber qual o projeto de Pablo Longoria, presidente do Marselha, e Medhi Benatia, consultor do clube, e até onde poderão ir a nível de financiamento para construir uma equipa competitiva. O emblema francês está a par da situação de Conceição com o FC Porto, e admite esperar até à próxima semana, pois tem o português como prioridade. O técnico, ao que foi possível apurar, deverá mesmo colocar um ponto final na sua ligação de sete anos ao FC Porto. Assinou um novo vínculo com Pinto da Costa, válido por quatro épocas, a dois dias das eleições que foram ganhas por André Villas-Boas. Mas este contrato pode ser rasgado por qualquer das partes sem que haja lugar a pagamento de qualquer indemnização.

Ainda segundo foi possível apurar, Conceição pretende esperar mais alguns dias por definições ao nível de trocas de treinadores em clubes italianos. Pois além de ser um liga que bem conhece, dos anos em que atuou na Lazio, Parma e Inter Milão, pode existir a possibilidade de surgir um convite de uma equipa que participe nas provas europeias.

O Marselha, contudo, surge nesta altura como o cenário mais provável. Mas o treinador só admite assinar se lhe forem dadas todas as garantias para construir um plantel à sua imagem, com reforços de qualidade. A propósito da saída de Conceição, ontem, de partida de férias, o brasileiro Pepê deu a entender que o técnico vai mesmo sair: "Vai ser um bocado estranho caso ele não continue. Mas a gente tem que pensar no clube, que é o mais importante."

Também ontem foi noticiado que Vítor Bruno, adjunto e braço direito de Sérgio Conceição há treze anos, desde os tempos do Olhanense (2011/12), se prepara para seguir a carreira a solo, como treinador principal, sendo o campeonato do Catar uma das hipóteses mais fortes para cumprir esse objetivo. Segundo o jornal *O Jogo*, o técnico de 41 anos ainda não tomou uma decisão final mas já está a estudar várias propostas que tem em carteira.

Audrey Santos no radar

Mesmo com a situação de Sérgio Conceição por definir, a SAD do FC Porto já está a trabalhar no plantel da próxima época. E para reforçar o meio-campo já há um alvo: trata-se do jovem brasileiro Andrey Santos, de 20 anos, que pertence aos quadros do Chelsea, mas que esteve esta época cedido ao Estrasburgo, da I Liga francesa.

Curiosamente, trata-se de um nome que na época passada chegou a estar no radar dos dragões, na altura para colmatar a vaga deixada no meio-campo por Uribe. Mas o negócio não se concretizou e o internacional pelas camadas jovens do Brasil acabou por ingressar por empréstimo numa primeira fase no Nottingham Forest (apenas dois jogos em meia época) e depois no Estrasburgo, da liga francesa, em janeiro (realizou um total de 11 jogos). Agora pode chegar ao Dragão também na condição de cedido, pois é pouco provável que tenha espaço no plantel do Chelsea.

Outro caso de mercado prende-se com o eixo da defesa. Para a semana, a SAD portista tem também que definir a situação do veterano central Pepe, que pretende ir para o Europeu com a sua situação resolvida.

Tal como Conceição, Pepe assinou um contrato por mais uma temporada com o FC Porto nos últimos dias da gestão de Pinto da Costa. Mas o vínculo não foi registado na Liga e está dependente da conversa que o capitão portista tiver com a nova estrutura dos dragões.

Por outro lado, ganha vez mais consistência o regresso de David Carmo, um dos maiores investimentos da história do FC Porto (20 milhões ao Sp. Braga), mas que não conseguiu impor-se no Dragão e foi até arrasado por Sérgio Conceição, acabando por sair por empréstimo no mercado de janeiro, cedido ao Olympiacos, da Grécia.

A época correu-lhe bem no clube do Pireu, com o central a revelar-se decisivo na campanha dos helénicos que terminou na quarta-feira com a conquista da Liga Conferência, após baterem a Fiorentina na final. "Voltar ao FC Porto? Não consigo responder isso agora", desabafou o jogador após conquistar o título europeu.

Com Sérgio Conceição, depois de tudo o que se passou – além de um problema com Pepe no balneário foi muito criticado pelo treinador –, será complicado o regresso. Mas como tudo indica que o técnico português está de saída, a nova estrutura pondera recuperar o jogador, até porque o eixo defensivo tem de ser reforçado.

nuno.fernandes@dn.pt

BREVES

Sub-17. Portugal está nas meias-finais

A seleção de Portugal de sub-17 apurou-se para as meias-finais do campeonato europeu de futebol da categoria ao derrotar a Polónia por 2-1. O desafio da próxima fase será com a Sérvia – venceu a Áustria por 3-2 – e está agendado para domingo (dia 2 de junho) às 16.00.
Em Larnaca (Chipre), Eduardo Felicíssimo marcou o primeiro golo da seleção portuguesa – e o seu primeiro tento na prova –, aos cinco minutos, e Rodrigo Mora, aos 59', apontou o golo da vitória. Pelo meio, aos 34', Michael Izunwanne marcou para os polacos. A equipa treinada por João Santos garantiu assim o triunfo num desafio em que desperdiçou diversas oportunidades para marcar, o que lhe daria uma maior vantagem no marcador. Certo é que devido a esse desperdício da equipa nacional, a Polónia foi acreditando até ao apito final que poderia igualar a partida no tempo regulamentar.

Di María alvo de novas ameaças em Rosario

As ameaças a Di María por parte de alegados elementos da cidade de Rosario ligados ao narcotráfico não param. Depois de ter visto um mural seu vandalizado na cidade onde nasceu, ontem a imprensa argentina relatou mais um caso. Dois indivíduos encapuzados dispararam contra uma bomba de gasolina e deixaram um papel escrito com uma nova ameaça: "Os rosarinos estão à tua espera, Di María". Esta situação surge numa altura em que o extremo podera regressar ao Rosario Central para jogar seis meses, antes de rumar ao Inter Miami de Messi. Já este ano, familiares do ainda jogador do Benfica tinham sido ameaçados de morte. Toda esta situação de insegurança pode mexer com o futuro do jogador e levá-lo a desistir da ideia de jogar até ao final do ano no clube onde despontou para o futebol.

Antonio Monegal

"As guerras culturais são normais, porque para mim a cultura tem um carácter essencialmente político"

LITERATURA Professor catedrático de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Univ. Pompeu Fabra, Antonio Monegal é formado em Filosofia pela Universidade de Barcelona, doutorou-se em Harvard em 1989 e lecionou na Cornell University. O DN conversou com o académico sobre o livro *Como o ar que respiramos: o sentido da cultura* (Objectiva).

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Vou começar aproveitando a sua experiência de professor nos Estados Unidos e perguntar sobre os protestos nas universidades americanas, sobretudo contra a guerra em Gaza. Essa atitude politizada, num local que é de ensino, surpreendeu-o ou é algo tradicional nos Estados Unidos?
Não me surpreendem os protestos. Estou surpreso sim com a reação das universidades. Estes protestos são muito semelhantes aos que ocorreram durante a Guerra do Vietname. Então, para os estudantes terem uma posição política e fazerem protestos é normal. A universidade chamar a polícia para entrar na universidade e retirar os alunos, isso é muito estranho. Vi, ao longo dos anos que morei lá, protestos contra muitas coisas nas universidades americanas, mas não houve nem esta dimensão, nem a reação que impedisse os estudantes de protestarem. É um conflito delicado e complicado, há sensibilidades muito opostas, não me surpreende que haja uma reação política.

As universidades americanas cultivam esta atitude política?
Não creio. Acredito que seja um produto da própria juventude. Ou seja, a politização dos estudantes não é estimulada pela instituição. Acredito que o que existe é simplesmente que, quando há debates na sociedade, o normal é que a universidade seja um espaço mais aberto e livre para se expressar.

Podemos também dizer que os Estados Unidos, e já não estamos a falar da situação nas universidades, estão envolvidos numa espécie de guerra cultural? Por exemplo, wokismo vs o trumpismo. E que isto também é o resultado de um fosso entre as elites instruídas e as massas que não têm acesso à cultura?
Há guerras culturais nos Estados Unidos, há guerras culturais na Europa, em Portugal, em Espanha. As guerras culturais são normais, porque para mim a cultura tem um carácter essencialmente político. A cultura, de alguma forma, explica o mundo onde estamos e o mundo que queremos. Portanto, há conflitos entre formas de entender isso. Não creio que seja um conflito entre as elites e a restante sociedade, porque os conflitos são de diferentes tipos. Há um conflito que tem a ver com a questão da imigração, há um conflito que tem a ver com questões de género, há muitas variações. Acredito que simplesmente, como acontece na Europa, os debates políticos manifestam-se culturalmente.

Não há oposição, pelo menos teórica, entre as pessoas que têm acesso a uma cultura clássica, uma cultura erudita, e a cultura de massas, a cultura popular? Penso que não defende que exista uma cultura superior à outra, mas serão duas culturas diferentes?
Não, não estou a dizer que não exista uma cultura superior à outra. Acredito que existe uma cultura superior à outra. Simplesmente acredito também que tudo é cultura. O que acontece é que existe uma cultura que dá possibilidades de mais complexidade ao ser humano e uma que é simplificadora. Mas tudo é cultura. E acho que essa diferença tem a ver com a origem da nossa visão do mundo. Se extrairmos a nossa visão do mundo a partir de uma fonte de informação muito limitada, como está a acontecer agora com as redes sociais, onde as pessoas têm apenas um canal de informação sobre o mundo, então estaremos menos abertos à complexidade das coisas que acontecem do que se tentarmos buscar diferentes fontes de conhecimento. Acredito que não é tanto que alguns sejam treinados na tradição clássica, mas que tudo depende se a tradição ou o conhecimento que se alimenta é muito e variado ou é pouco e limitado. O que produz estas tensões é precisamente a dificuldade de comunicação entre pessoas que falam linguagens diferentes.

A escola pública tem a missão de dar às pessoas a oportunidade de acesso à cultura erudita, de conhecerem algo que muitas vezes não existe no ambiente familiar. Mas ao mesmo tempo sentimos que a escola deixou de funcionar como elevador social. Há aqui um fracasso da escola em levar esta cultura mais erudita a uma grande camada da sociedade?
Acredito que se há um fracasso da escola é um fracasso da sociedade. A escola é apenas o reflexo da sociedade. Existe hoje a ideia de que a escola pública tem que preparar as pessoas apenas para o trabalho. Há uma preocupação muito grande em dar oportunidades às pessoas, em capacitá-las para trabalhar, para encontrar um bom emprego. Acredito que o fracasso atual é porque a escola deixou fazer as duas coisas: dar às pessoas formação profissional, mas também formação como cidadãos. Uma formação crítica, uma formação humanista, que nos permita pensar os problemas que existem hoje na nossa sociedade.

É muito crítico em relação ao facto de existirem crianças e adolescentes que, por opção escolar, fazem uma separação entre humanidades e ciências. Como se quem vai estudar ciências não precisasse das humanidades.
Sim. E acho que é um problema muito sério. Todos esses cientistas e técnicos que estão a desenvolver a inteligência artificial são pessoas com uma formação que não inclui filosofia, história ou literatura. Ou seja, na sua formação não há reflexão sobre o que é a experiência humana e quais são as necessidades do ser humano. Então, por um lado existem humanistas que nada sabem sobre tecnologia e por outro lado a tecnologia está esvaziada de conteúdo humanista. E isso é muito perigoso. Seria muito desejável que médicos, advogados, engenheiros, todos tivessem acesso e conhecimento sobre coisas que são fundamentais na história da humanidade e que são comuns a todos. Não empobrecem, pelo contrário, enriquecem o nosso debate. Portanto, não há necessidade de formar apenas especialistas. Devemos formar cidadãos. Parece-me muito triste que hoje em dia se uma família tem um filho ou filha razoavelmente inteligente, queira que estude algo onde ganhe muito dinheiro. Se esse jovem estuda história ou filosofia, enfrenta um descontentamento grande porque as pessoas perguntam, ah, como vai ganhar a vida? E pensam na educação como um investimento que tem de ter retorno direto. Mas a realidade é que não sabemos hoje como será o futuro destes jovens. Portanto, é muito difícil preparar os jovens para o trabalho do futuro se o trabalho do futuro ainda não existir. Portanto, devemos preparar os jovens para terem conhecimentos fundamentais.

Mas também há críticas aos jovens que só estudam humanidades e que não têm interesse pela ciência, ou que não sabem fazer um cálculo matemático básico.
Claro. Para mim o fundamental deveria ser que a pessoa tem que ter conhecimento de história, de filosofia, tem que saber ler bem, que saber escrever bem, tem que saber matemática, tem que ter base científica. Porque sem essas bases fica muito difícil falar sobre o que está a acontecer hoje. Existe um grande medo do desconhecido. Parte dos problemas políticos da nossa sociedade é que as pessoas têm medo do que não compreendem. Então, acredito que o fracasso da escola não está a ajudar as pessoas a terem uma visão global do mundo. É preciso que as pessoas conheçam a história.

Falando um pouco sobre o contexto da Espanha, estou muito curioso por lhe perguntar se *Dom Quixote* é um livro de que um espanhol médio tem conhecimento, ou deu origem a uma personagem popular no mundo inteiro, mas não é lido pelos espanhóis.
Acredito que a maioria das pessoas em Espanha não leu *Dom Quixote*. Mas isso não é surpreendente. A maioria dos franceses pode não ter lido Stendhal. Muitos ingleses não leram Shakespeare. Não me surpreende. Mas é verdade que agora está a acontecer algo que é muito complicado. No sistema educacional, os jovens só leem livros curtos.

Mas, por exemplo, o *Lazarinho de Tormes*, outro clássico espanhol, pode ser lido?
É lido.

Porque é pequeno?
Porque é pequeno.

Portanto, há um clássico que os espanhóis leem. E leem porque é leitura obrigatória na escola?
Bem, leem porque é leitura obrigatória na escola. Muitos deles fazem isso. Mas muita gente descobre esses clássicos tarde.

***Dom Quixote* continua a ser publicado?**
Novas edições são feitas. Continua a vender.



COMO O AR QUE RESPIRAMOS – O SENTIDO DA CULTURA
Antonio Monegal
Objectiva
200 páginas



PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Então, mesmo que não tenha sido lido, as pessoas têm um *Dom Quixote* em casa.
Acho que também pode ser lido. Diz-se muito que as pessoas não leem agora. Não é verdade. Qualquer editor pode demonstrar que as pessoas estão a ler mais do que nunca. No século XIX, a literatura era muito importante. Mas as pessoas, a maioria, não sabiam ler. Agora a população está mais alfabetizada. Têm acesso a uma oferta muito rica. Nem tudo o que leem é boa literatura, claro. O que uma pessoa instruída lia no século XVII eram muito poucas coisas. Porque havia muito poucas coisas para ler. Agora, qualquer pessoa que esteja a ler tem um problema de escolha. Porque diz: posso ler *Dom Quixote* ou posso ler Salman Rushdie. Qual dos dois leio? E há esse frenesim de novidades que torna os clássicos menos conhecidos. Mesmo assim, a minha impressão é que esses livros ainda têm alcance. Mas há muitos que não estão na moda. E deve ser aceite. Há livros que eram clássicos e muito importantes e agora as pessoas não leem porque acham muito aborrecido.
Mas *Dom Quixote* e *Lazarinho de Tormes* sempre foram lidos.
Acho que sim, porque são livros divertidos.
Em Portugal saiu agora o seu livro sobre cultura, mas o último que publicou em Espanha tem a ver com a representação artística da guerra. E sobretudo, quando a representação artística ou literária denuncia ou critica a guerra. *Guernica* é um bom exemplo do que fala no seu livro?
Sim. *Guernica* é um bom exemplo de uma obra que teve um significado anti-guerra tão grande que tem sido usada como um símbolo anti-guerra em muitas guerras desde então. Foi citado na Guerra do Vietname, sempre apareceu em cartazes anti-guerra, em muitas campanhas. A questão é que Picasso nunca esteve na guerra. Portanto, a sua visão da guerra é a visão de alguém que não esteve lá. No meu livro também trato da visão da guerra dada por pessoas que estiveram em guerra. Como aqueles de nós que não estiveram lá têm aquele conhecimento via aqueles que estiveram lá.
Pessoas que estiveram na guerra, mas não a mitificam, antes denunciam-na?
Claro. Autores como Hemingway, como George Orwell, como Remarque, que escreveu *Nada de Novo na Frente Ocidental*, que foi um livro muito importante e continua a ser publicado. Todas estas pessoas que viveram a guerra, mas que não nos dão uma imagem gloriosa da guerra.
Tem mais impacto do que Picasso porque são testemunhos?
Bem, não sei, porque provavelmente Otto Dix, o expressionista alemão que esteve na Primeira Guerra Mundial, não tem mais impacto do que Picasso, porque sem dúvida Picasso é mais conhecido. Portanto, embora a visão de Dix seja mais direta do que acontece na Frente, a visão de Picasso é muito mais popular. Acho que uma das coisas interessantes sobre o facto de este livro sobre a guerra ter sido publicado depois deste é que ajuda a compreender que a guerra também é cultura.
Está a falar sobre a forma de travar a guerra ou a forma de representar a guerra?
Ambas. O facto de haver guerra tem uma base cultural. As guerras são muitas vezes travadas por causa de conflitos culturais. Atualmente há uma guerra na Ucrânia entre dois países com visões diferentes do que é uma nação. A Rússia considera que a Ucrânia não é uma nação e não tem o direito de ser uma nação soberana. A Ucrânia acredita que sim e defende a sua visão nacional. Isso é cultura.
E é uma guerra em que os dois lados também tentam reivindicar os escritores como sendo russos ou ucranianos.
Claro, e é uma guerra que se baseia muito na memória coletiva dos dois povos. O que está a acontecer também na Palestina é uma guerra com base cultural. Há uma memória coletiva diferente de dois grupos que possuem traumas diferentes no seu passado. E em que há também uma guerra religiosa, isso também é uma questão cultural. Portanto, às vezes as pessoas pensam, não, a guerra não é cultura. A guerra é o oposto da cultura, a cultura é o que nos salvará da guerra. Não, a cultura pode salvar-nos da guerra ou pode levar-nos à guerra. E a guerra é cultura. Desde as crianças a brincar com brinquedos de guerra, aos videojogos que os jovens jogam, ao cinema, encontramos imagens de guerra que nos familiarizam com a possibilidade de a guerra ser algo considerado normal. E, portanto, todos os países cultivam a memória gloriosa do seu passado militar.
Felizmente, não há guerra entre a Espanha e os independentistas catalães, mas aqui também há duas narrativas. Como é que isso se concilia entre pessoas que são catalãs e se sentem espanholas?
Acho que hoje devemos acostumar-nos com a ideia de que as identidades são complexas. Que as pessoas não têm uma identidade única. Há pessoas que vêm de uma família que pode ser de origem chinesa e têm uma identidade que vem dessa origem e outra identidade que vem da sua vida inserida na sociedade, em Portugal, em Espanha ou onde quer que seja. Acredito que esta ideia de que existe um conflito surge do pensamento de que as lealdades de identidade são simples. O que é isto ou aquilo? Essa polarização sempre. Vivemos em sociedades muito complicadas.
Por exemplo, quando opta por escrever em espanhol ou catalão, as pessoas entendem como uma opção profissional ou podem entender como uma opção identitária?
Há pessoas que tendem a entender isso como uma opção identitária. Eu, claro, tenho a particularidade de ter tido formação profissional nos Estados Unidos. Portanto, as línguas profissionais mais comuns para mim têm sido o espanhol e o inglês. Vivo o dia-a-dia em catalão. Mas quando se trata de procurar comunicação com um público, posso decidir se quero falar apenas para um público catalão ou para um público mais amplo. Essa é uma decisão que tem uma dimensão política, claro. Alguém poderá dizer que não, que a preocupação com a língua catalã leva-o a fazer essa opção de utilizá-la sempre.
Então, sente-se confortável quando sai para a rua e pede um café em catalão tal como se sente confortável quando escreve em espanhol ou inglês para uma audiência mais vasta?
Absolutamente. Sou catalão de origem, filho de catalães. E não tenho problemas em mudar de um idioma para outro. Para mim, o bilinguismo é um estado natural.
Em todo este conflito em Espanha e na Catalunha, alguma das partes tentou envolvê-lo nisto?
É evidente que em algum momento há pessoas que lhe dizem que deveria assumir esta ou aquela posição. Cada um aceita a que achar melhor. Para mim é evidente que a Catalunha é uma nação. Sinto a Catalunha como nação. Mas isso não me obriga mais a usar uma língua. Justamente porque sinto-me livre dentro daquela nação para usar uma língua ou outra.
Vê Espanha como um país de nações.
Exatamente. Para mim, a Espanha é um país de nações. E isto é algo que muitos espanhóis fora da Catalunha ou do País Basco, ou da Galiza ou de Valência, têm dificuldade em compreender. Porque têm uma visão mais monolítica.
A escola pública da democracia não ensina a aceitar esta ideia de nações?
A escola pública da democracia, uma das coisas que fez na Catalunha, que às vezes não é compreendida de fora, foi ajudar a integração social de todas as classes e dos imigrantes, fazendo do catalão a língua comum do ensino. Esse tem sido um grande elemento de integração social. Porque se o catalão fosse a língua dos catalães da classe média, ao longo da vida, e não fosse ensinado às populações imigrantes, ocorria uma divisão social. Foi a classe trabalhadora da Catalunha que pediu que a escola dos filhos fosse em catalão. Porque era a forma de ascender socialmente. Acredito que não houve tanto conflito nisso quanto parece do lado de fora. Normalmente falo com meus filhos em casa em catalão, mas eles falam espanhol também, e em boa parte dos filmes que veem, nas leituras que fazem, passam de uma língua para outra.

PAIXÃO
Ryusuke Hamaguchi
Cinemas

Obra final de curso de Hamaguchi, nela se identificam as linhas orientadoras deste cinema observador da fragilidade das relações no contexto urbano, fiel a uma ideia de depuração no processo dos atores. *Em Paixão* (2008), história de duas noites pautadas por dúvidas amorosas, sente-se a influência concentrada de Cassavetes, com a câmara à procura dos rostos e corpos em vertigem. Mas não é só isso: há aqui momentos de epifania própria. **INÊS N. LOURENÇO**

CERROMAIOR
Luís Filipe Rocha
Cinemateca

Tendo como base o romance homónimo de Manuel da Fonseca (publicado em 1943), este é título marcante da produção portuguesa do início da década de 80, retratando um Alentejo de muitas agruras existenciais, num tom que concilia realismo e romanesco. O filme foi recentemente restaurado: a sua projeção (dia 3, 21h30) será precedida pelo lançamento da respetiva edição em DVD — com a presença do realizador. **JOÃO LOPES**

JIM HENSON- O HOMEM DAS IDEIAS
Ron Howard
Disney +

Há uma honestidade no pressuposto: este documentário é realmente um tributo. Uma perscrutação de um legado – Ron Howard a escavar e a gravar o talento enorme de Jim Henson, o criador dos Marretas. Este título estreado em Cannes este ano mostra-nos também o homem, alguém que perdeu o amor da sua vida devido ao excesso de trabalho. Muito comovente... **R.P.T.**

FILMES&SÉRIES AGENDA



Pequena surpresa com panache filipino.

Graça Furiosa
de Paris Zarcilla na Cinemas

O grande vencedor do Festival SXSW convoca as vestes do filme de terror, mas, na prática, é uma prova de cinema de cariz social, falando de temas como a luta de classes e os preconceitos com uma comunidade de imigrantes, neste caso a filipina no Reino Unido. *Raging Grace* é a história de uma criada precária que se dedica a um lorde inglês acamado. Entre os dois parece acontecer uma espécie de elo mas cedo tudo descamba para a ordem do pesadelo, sobretudo porque tinha instruções de não poder ter ninguém no seu quarto, coisa que não conseguiu evitar: a sua pequena filha vive lá escondida...

Paris Zarcilla filma tudo com uma frescura dramática rara dentro deste género. Quase que se perdoa o amontoar de "twists" neste conto gótico quase todo filmado no mesmo décor. Um filme cuja energia chega a ser transbordante. Uma câmara ameaçadora perita em deixar qualquer um inquieto... Esta é a primeira estreia do MOTELx nos circuitos comerciais, mesmo que em aliança com a FilmTwist. **RUI PEDRO TENDINHA**

GOLPE DE SORTE
Woody Allen
TVCine Top

Imagine-se Paris filmada numa lógica nova-iorquina. O último filme de Woody Allen (que ainda não se percebeu se será o derradeiro) é uma grande piscadela de olho à tradição dos crimes e escapadelas da sua filmografia devota de Manhattan, com aquele sentido apurado de policial l*ight*, mais o humor, drama e romance em tons de outono. Juntando um caso de infidelidade e um homicídio, o mestre fez *macaron* cinéfilo (dia 2, 22h05). **I.N.L.**

NASTY
T. Giurgiu, T.D.Popescu, C. Pascariu
Max

Em meados da década de 1970, o romeno Ilie Nastase mudou radicalmente o mundo do ténis, não apenas pelo seu talento invulgar, mas também através de comportamentos que lhe valeram a alcunha de "Nasty" (algo entre o desagradável e o obsceno). Revelado há poucos dias numa sessão especial de Cannes, eis um documentário tão pedagógico quanto irónico, justificando o subtítulo: "Mais do que apenas ténis". **J.L**

UM GENTLEMAN EM MOSCOVO
Ben Vanstone
SkyShowtime

Um dia quando se olhar para a carreira de Ewan McGregor em retrospetiva, o papel do conde Rostov terá de figurar na lista das suas 10 melhores interpretações. Uma invenção doce e melancólica de Amor Towles, cujo sucesso literário *A Gentleman in Moscow* deu origem a esta série calorosa sobre um aristocrata russo que, após o fim do czarismo, fica em prisão domiciliária num hotel de luxo. Os oito episódios já estão todos disponíveis. **I.N.L.**

FERRARI
Michael Mann
Prime Video

Eis um filme que terá sido algo incompreendido devido ao facto de propor um retrato de Enzo Ferrari (1898-1988) que, escapando às convenções da biografia de mera celebração, se concentra num período em que o protagonista parece esmagado pela própria performance de velocidade dos seus carros. Daí, sem dúvida, o estranho silêncio que perpassa pela composição central de Adam Driver — a redescobrir, sem dúvida. **J.L.**

FURIOSA- UMA SAGA MAD MAX
George Miller
Cinemas

Praticamente impossível esta prequela de *Mad Max: Fury Road* poder estar ao nível do original. Mas no cinema de George Miller não há impossíveis e temos aqui um filme com a mesma adrenalina e originalidade. Um *tour-de-force* de cinema de ação, com um ritmo tão demolidor como experimental. E há um vilão genial: Chris Hemsworth! Para desfrutar sem culpa...**R.P.T.**


GONÇALO VILLAVERDE / GLOBAL IMAGENS

Os arraiais vão invadir a cidade de Lisboa

ROTEIRO Até praticamente ao fim do mês a capital vai estar em festa com as comemorações do Santo António e animação, música e convívio não faltarão nas inúmeras iniciativas que vão acontecer. Deixamos aqui alguns dos espetáculos populares a que se poderá juntar, de Toy, a Rosinha, passando por Quim Barreiros e Micaela.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

SANTOS À CAMPOLIDE

(até 15 de junho)
Até 15 de junho, a Quinta do Zé Pinto vai ser o palco das Festas Populares de Campolide, que reúne um grande leque de artistas nacionais. Rebeca é a primeira a atuar, já esta noite, seguindo-se Micaela (amanhã), Mónica Sintra (dia 7), Quim Barreiros (dia 8), Jorge Guerreiro (dia 9), Ruth Marlene (dia 12), Toy (dia 14) e, a rematar, as Bombocas (dia 15). Além destes artistas, sobem ao palco várias bandas e DJ's e acontece, na tarde de dia 8, o Arraial TVI.

ARRAIAL DA MISERICÓRDIA

(1 a 30 de junho)
Durante todo o mês de junho, o Miradouro de São Pedro de Alcântara enche-se de cor e alegria para celebrar os Santos Populares com o Arraial da Misericórdia. Da programação, destaque para as atuações de Diogo Ferreira e Fernando Correia Marques (amanhã), António Pinto Basto e Ágata (dia 7), Joana e Micael (dia 8), Quim Barreiros (dia 9), Telmo Miranda e Toy (dia 12), Mónica Sintra (dia 13), Berg (dia 14). Na noite de dia 15 haverá Revista à Portuguesa e um espetáculo de Vítor Rodrigues, a que se segue, na noite de 21, um espetáculo de homenagem a Amália Rodrigues com Sofia Varela e Quina Barreiros, e a 22, atuações de Nucha e Clemente. A encerrar as festas, a 28, sobe ao palco Emanuel Moura e, na última noite, a 29, há um espetáculo com Joana Amendoeira, Francisco Barreto e Vanessa Alves.

SANTOS EM SANTOS

(até 13 de junho)
Comes e bebes e bailarico não vão faltar no Terrapleno de Santos até dia 13. Além de que por ali vai passar a animação de Toy (dia 3) e Rosinha (dia 9).



ARRAIAL DE ALVALADE

(entre 12 e 16 de junho)
O Complexo Desportivo Municipal de São João de Brito recebe, uma vez mais o Arraial de Alvalade, que volta a contar com um cartaz de luxo: Fernando Pereira e Ena Pá 2000 (dia 12), Toy (dia 13), Quim Barreiros e Deixa Rolá (dia 14) e, quase a terminar, Ágata e Fernando Alvim (dia 15). O último dia de arraial, dia 16, fica a cargo de Tuna Party e dos Tributo Popular.

GRANDE ARRAIAL DE BELÉM

(até 15 de junho)
O Parque dos Moinhos de Santana recebe, até 15 de junho, o Grande Arraial de Belém. Sempre com entrada livre, destaque para as atuações e Tio Jel (amanhã), Duo Pimbalhudo (dia 6), Micaela (dia 7), Jorge Crispim (dia 8), e Deixa Rolá (dias 9 e 15).
31 maio a 15 junho

ARRAIAL DOS COMBATENTES

(até dia 29)
Integrado nas comemorações oficiais das Festas de Lisboa, o Arraial do Grupo Dramático e Escolar Os Combatentes, acontece durante todo o mês de junho na Rua do Possolo, na Estrela. A honra de abrir as festividades caberá à Jotapê Band (amanhã), mas pelo palco vão passar inúmeros artistas como Nicole Viviana, Duo Nuno e Mariana ou Banda Compacto. A grande atração será Quim Barreiros (dia 7).

GRANDE ARRAIAL DAS AVENIDAS NOVAS

(entre 7 e 22 de junho)
Nas imediações do Campo Pequeno volta a haver festa, com animação assegurada por grandes nomes da música popular. O primeiro dia de arraial será por conta de Jorge Guerreiro, seguindo-se, Léo e Leandro (dia 8), Rosinha (dia 10), Iran Costa (dia 11) e Kamala (dia 12). Depois, subirão ao palco o Avô Cantigas (dia 13), Miguel Azevedo (dia 14), e, a 15 haverá o espetáculo Àvariações – Tributo a António Variações. Na reta final das festividades, a música será responsabilidade de Toy (dia 19), Akina Matata (dia 20), Kássio (dia 21) e Irmãos Verdades (dia 22).

ARRAIAL NA PRAÇA

(até 2 de junho)
31 de maio a 2 de junho
Na Praça de Londres, junto à Igreja São João de Deus acontece mais um Arraial na Praça, até 2 de junho. Ao palco irão subir Fernando Correia Marques (dia 31 maio), Ana Ritta e Nel Monteiro (1 de junho) e Romana (dia 2).

GRANDE ARRAIAL DE BENFICA

(20 a 23 junho)
O Grande arraial de Benfica regressa à Alameda Padre Álvaro Proença, entre 20 e 23 de junho. Desta vez, vão passar pelo palco o epetáculo Vozes em Liberdade e o cantor Diogo Piçarra (dia 20), Pappilon e Bárbara Bandeira (dia 21), Sara Carreira e Jipsy Kings (dia 22), Quim Barreiros e GNR (dia 23).

VILA BERTA

(até dia 12)
Na sua 13.ª edição, o incontornável Arraial da Vila Berta, na Graça, regressa com muita música, fados e guitarradas, cantares tradicionais, sardinha, vinhos, petiscos e muita animação. A festa começa com José Malhoa (amanhã) e prossegue todas as noites com fado vadio, Deixa Rolá, Duo Pimbalhudo by 4 Litro, Arpicantares, entre outros. A tarde do dia 2 é dedicado aos mais pequenos, com o arraial infantil e a atuação de Ricardo Reis Pinto.

SANTOS NO TEJO

(até dia 9)
Depois da estreia no ano passado, a Doca da Marinha volta a receber mais uma edição do Santos do Tejo com um cartaz composto por duetos inesperados. A dar o pontapé de partida atuam Ana Bacalhau & Marante (hoje), seguindo-se Áurea & Emanuel (amanhã). Depois, serão outros artistas a surpreenderem-nos: João Só & Rosinha (dia 6), Cláudia Pascoal & Rebeca (dia 7), D.A.M.A. & Jorge Guerreiro (dia 8), e finalmente Gisela João & Post Mortem Experience. Além dos Duetos POPulares a festa no Santódromo promete ser rija e até de madrugada, com um cartaz repleto de muitos nomes bem conhecidos. As entradas são pagas.

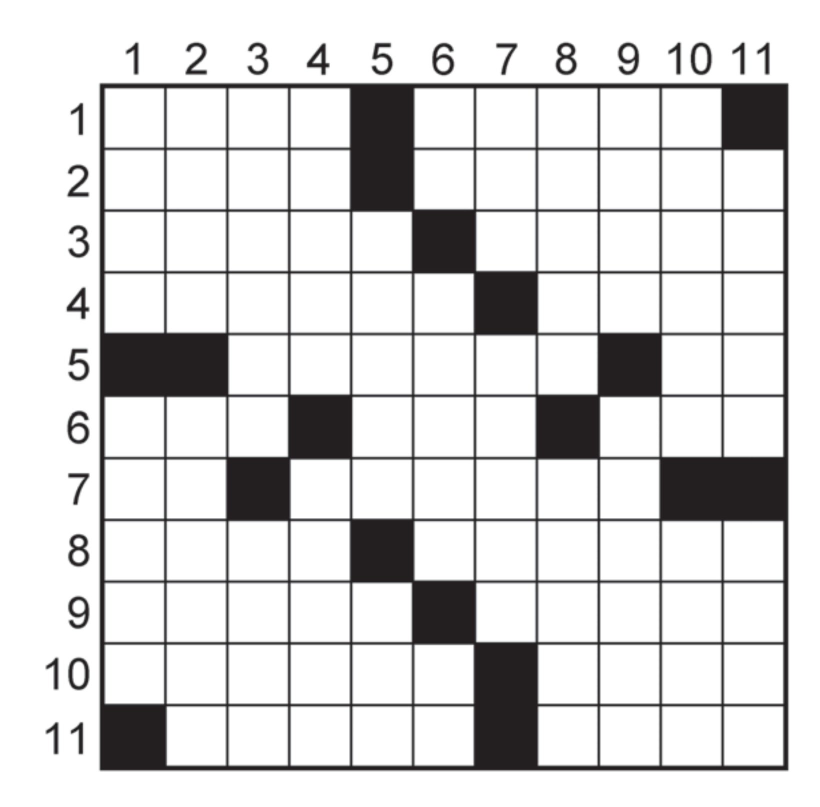
SANTOS À BACANA

(entre 5 e 12 de junho)
O Monsantos é palco, entre 5 e 12 de junho, dos arraiais Santos à Bacana, com entrada paga. O arranque faz-se com Toy (dia 5) e continua com Quim Barreiros (dia 6), Emanuel (dia 7), Rosinha (dia 11), e Jorge Guerreiro (dia 12). A entrada é paga.

Outros

Arraial de Santo António. Até 16 de junho, vai haver animação na Praça da Alegria com bebidas, petiscos e música ao vivo.
Arraial dos Navegantes. Nas imediações da Igreja dos Navegantes, no Parque das Nações, há arraial até 2 de junho. Está prometida música e muita animação, com propostas para todas as idades e com o já habitual Arraialito, dedicado aos mais novos.
Arraiais de São Vicente. A Graça volta a ser zona privilegiada para as festas populares, entre 6 e 13 de junho, com dois palcos: um no Largo da Graça e outro no miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen.
Arraial de São Miguel. Toda a Alfama enche-se de cheiro a sardinha assada e música. Os festejos prolongam-se até 29 de junho.
A Minha Penha é Linda!. Entre 8 e 12 de junho, o Mercado Sapadores volta a ser o centro da festa.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:
1. Fiel. Unidade monetária do Reino Unido. 2. Ave de rapina. Exaspera. 3. Banho de vapor, de origem finlandesa. Apagar. 4. Falso. Planície à beira de um rio. 5. Esquivo (figurado). Hectare (símbolo). 6. Oferecer. Aperto com nó. Preposição designativa de substituição. 7. Érbio (símbolo químico). Fictício. 8. Que tem a superfície plana. Sagaz. 9. Anos de vida. Enfeitar com oiro. 10. Corrida de embarcações. Certo ruído na respiração. 11. Diz-se do animal cujos olhos têm coloração azul-clara. Impulso.

Verticais:
1. Período. Dissolver em líquido. 2. Erguer. Secura. 3. Dar a cor do ouro a. História longa. 4. Enfeitar. Misturar com iodo. 5. Protelar. Abreviatura de et cetera. 6. Rio chinês muito visitado por turistas. Molusco bivalve que pode produzir pérolas. «A» + «o». 7. Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. Fortemente unido. 8. Intrépido. Arremessa. 9. Sorteio por meio de bilhetes numerados. Diz-se do número gramatical que indica mais de um. 10. Caminho estreito que encurta a distância entre dois lugares. Caule. 11. Assorear. Discursar.

SUDOKU

1	4	9				5	7	
			1				8	
			6	7	4			
	2	8			6		4	1
		5			8			
	1			4			5	
	3		2	6				
6				3		8		7
2					1			4

SOLUÇÕES

1	4	9	8	2	3	5	7	6
7	6	3	1	9	5	4	8	2
5	8	2	6	7	4	9	1	3
9	2	8	7	5	6	3	4	1
4	7	5	3	1	8	2	6	9
3	1	6	9	4	2	7	5	8
8	3	4	2	6	7	1	9	5
6	5	1	4	3	9	8	2	7
2	9	7	5	8	1	6	3	4

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Fido. Libra. 2. Açor. Irrita. 3. Sauna. Safar. 4. Errado. Vale. 5. Arisco. Ha. 6. Dar. Ato. Por. 7. Er. Irreal. 8. Liso. Astuto. 9. Idade. Oirar. 10. Regata. Rala. 11. Zarco. Alor.
Verticais:
1. Fase. Delir. 2. Içar. Aridez. 3. Dourar. Saga. 4. Ornar. Iodar. 5. Adiar. Etc. 6. Li. Ostra. Ao. 7. IRS. Coeso. 8. Bravo. Atira. 9. Rifa. Plural. 10. Atalho. Talo. 11. Arear. Orar.

emprego



IT074-24-13916

Extrato

Torna-se público que, por despacho do Magnífico Reitor, Professor Doutor Amílcar Falcão, exarado a 27-03-2024, se encontra aberto, pelo prazo de 30 dias úteis a contar do dia útil imediato ao da publicação do Aviso no *Diário da República*, concurso internacional para ocupação de um posto de trabalho da carreira de Investigação Científica, na categoria de Investigador/a Coordenador/a, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para a área científica de Ciências Cardiovasculares, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, com a referência IT074-24-13916.

1 – O conteúdo funcional do posto de trabalho é o descrito nos números 1, 4, do artigo 5.º do Estatuto da Carreira de Investigação Científica, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 124/99, de 20 de abril, na sua redação atual e doravante designado por ECIC.

2 – A lista de candidatos, admitidos e excluídos, e a lista de classificação final serão publicitadas no sítio institucional da UC, localizada no seguinte endereço: **www.apply.uc.pt**.

3 – O presente concurso cessa com a ocupação dos postos de trabalho ou quando os postos não possam ser totalmente ocupados, por inexistência ou insuficiência de candidatos à prossecução do concurso.

4 – O aviso de abertura encontra-se publicado, na íntegra, no *Diário da República*, II Série, n.º 103, de 28 de maio de 2024.

Local de trabalho: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Remuneração: Corresponde ao escalão e índice previstos na tabela constante do anexo 3 ao Decreto-Lei n.º 408/89, de 18 de novembro, na sua redação atual, sem prejuízo das restrições legalmente impostas.

Requisitos de Admissão: Os opositores ao concurso devem preencher os requisitos especiais de admissão, enunciados no n.º 1 do artigo 12.º do ECIC.

Júri do concurso: Conforme Aviso n.º 8112/2024/2, publicado em *Diário da República*, II Série, n.º 76, de 17 de abril.

As candidaturas deverão ser submetidas através da plataforma eletrónica **apply.uc.pt.**

Coimbra, 20 de maio de 2024

A Diretora do Serviço de Gestão de Recursos Humanos
Maria Helena da Silva Matos



A Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA, (APSS, S.A.), empresa de referência no setor portuário nacional, está a recrutar por tempo indeterminado uma pessoa para a carreira de **Técnico/a Superior (M/F)** para a sua sede em Setúbal:

1. Requisitos obrigatórios:
- Formação Superior em Engenharia Eletrotécnica;
- Estar inscrito na DGEG (exploração)
- Experiência profissional mínima de 5 anos em funções análogas;
- Idade não inferior a 18 anos (aferida à data de 31-12-2023);
- Ter nacionalidade portuguesa, de um dos Estados-membros da União Europeia ou Espaço Económico Europeu ou ainda dos países que consagram a igualdade de tratamento com os cidadãos/ãs nacionais, em matéria de livre exercício de atividades profissionais;
- Bons conhecimentos de inglês falado e escrito;
- Competências em gestão e dimensionamento de projetos de sistemas elétricos;
- Competências em ferramentas Office na perspetiva do utilizador: Microsoft word, excel
- Competências em AutoCad;
- Capacidade de interpretação de telas desenhadas;
- Inexistência de impedimento legal confirmada por Certificado de Registo Criminal;
- Carta de condução de veículos ligeiros;
- Disponibilidade para deslocações regulares ao Porto de Sesimbra.

A falta de requisitos obrigatórios implica a exclusão do concurso.

2. Requisitos preferenciais:
- Conhecimentos em Contratação Pública – CCP;
- Conhecimentos de projetos – Onshore power supply (OPS);
- Experiência de liderança de projetos de inovação nas áreas das energias renováveis (solar e eólico) e de descarbonização de processos logístico -portuários;
- Ter conhecimentos de sistemas de climatização;
- Ter conhecimentos de navegação;
- Residir no Concelho de Setúbal

Métodos de seleção:
Os métodos de seleção a adotar serão a avaliação curricular e a entrevista, ambos com caráter eliminatório. Serão chamados/as para entrevista os/as 10 primeiros/as classificados/as na avaliação curricular. Só no caso de não se mostrar possível selecionar de entre eles/as 1 candidato/a serão convocados/as os/as restantes candidatos/as pela ordem de classificação, até ao máximo de 10.

Em caso de empate, será dada preferência ao género menos representado na carreira, seguido da ordenação crescente de idade.
Os/As candidatos/as selecionados/as para contratação serão submetidos/as a Exames Médicos no âmbito da Medicina do Trabalho com carácter eliminatório no caso de o resultado ser: "Inapto/a para desempenhar a atividade"

Apresentação de candidatura pelo candidato:
As candidaturas devem ser dirigidas à Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA- Praça da República – 2904-508 SETÚBAL ou para geral@portodesetubal.pt até às 17:00h do 10º dia útil, a contar da data de publicitação do presente anúncio contendo:

A. Carta de apresentação
B. Curriculum Vitae detalhado e assinado
C. Certificado de registo criminal
D. Certificado de habilitações Literárias
E. Demais elementos tidos por relevantes

Apenas serão consideradas as candidaturas que cumpram os requisitos do presente anúncio e relevados os comprovativos em anexo ao formulário de candidatura.

As qualificações, as carreiras profissionais, a descrição de funções e os graus de desenvolvimento e bases de remuneração correspondentes, encontram-se previstas na atual redação da Portaria nº 1098/99, de 21 de dezembro, com as alterações introduzidas pelas Portarias nº 218/2002, de 12 de março, nº 577/2003, de 16 de julho e nº 1182/2004, de 14 de setembro, disponíveis em https://dre.pt/.

A APSS, SA reserva-se no direito de suspender ou anular o presente procedimento concursal.
A versão integral do anúncio poderá ser consultada em https://www.portodesetubal.pt

APSS Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA

avisos, tribunais e conservatórias



Empreitada para a Construção do Aumento do Número de Vias do IC20 – Via Rápida da Caparica, entre o Nó A2/IC20 e o Nó de Casas Velhas

A partir de 3 de junho de 2024, por um período de 12 meses

A AEBT - Autoestradas do Baixo Tejo, S.A. informa que, a partir do próximo dia 3 de junho de 2024, e por um período de 12 meses, e no âmbito da empreitada em curso para a Construção do Aumento do Número de Vias do Lanço IC20 – Via Rápida da Caparica, entre o Nó A2/IC20 e o Nó de Casas Velhas, serão realizados cortes pontuais, quer da plena via do IC20 quer de Ramos dos Nós de Ligação (Sublanços Nó A2/IC20 / Hospital / Casas Velhas), principalmente em período noturno.

Estes constrangimentos serão comunicados previamente à sua materialização.

A AEBT tem consciência dos incómodos resultantes da obra numa via que está aberta à circulação, mas está certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de segurança que resulta de uma infraestrutura continuamente adaptada às necessidades de quem a utiliza.

O Número de Assistência e Informação 210 730 300 está à disposição dos automobilistas, para prestar as informações e os esclarecimentos que considerem necessários.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE DEFESA NACIONAL

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d*), e 56.º, n.º 2, alínea *a*), da Constituição, do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República e dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), avisam-se estas entidades de que se encontra para apreciação, de 31 de maio a 30 de junho de 2024, a iniciativa seguinte:

Projeto de Lei n.º 152/XVI/1.ª (PCP) — *Reforça o regime de direitos dos profissionais da Polícia Marítima e de participação das respetivas associações representativas (primeira alteração à Lei n.º 53/98, de 18 de agosto, e à Lei n.º 9/2008, de 19 de fevereiro).*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a 3CDN@ar.parlamento.pt ou por carta dirigida à *Comissão de* Defesa Nacional, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Defesa Nacional*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

O texto da citada iniciativa encontra-se publicado na Separata n.º 9/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 31 de maio de 2024, e pode ser consultado na «página» *internet* da Assembleia da República, na morada: **http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx**

Associação de Comproprietários do Artigo 101-E do Bairro Moinho do Baeta

UNIÃO DE FREGUESIAS DE RAMADA E CANEÇAS CONCELHO DE ODIVELAS

Ata número cinco – Extrato

A Associação de Comproprietários do Artigo 101-E do Bairro Moinho do Baeta, torna público que a Assembleia Geral realizada no dia 18 de maio de 2024, em 2.ª convocatória, às 10 horas foi deliberado:

a) Aprovar por unanimidade **a não estipulação de qualquer critério ou fórmula de compensação, expressando que prescindem de qualquer tornas e declarando que se encontram totalmente ressarcidos.**

b) Por unanimidade a adjudicação dos lotes, conforme inscrição em registo predial.

c) Por unanimidade não avançar com qualquer agendamento de escritura de divisão de coisa comum, por saber que os comproprietários não vão todos comparecer, e requerer assim ao tribunal a prossecução do processo de divisão de coisa comum (464/14.5TCLRS).

Caneças, 20 de maio de 2024

A Direção da Associação



CONVOCATÓRIA

Convoca-se a Assembleia Geral Extraordinária da Associação Guineense de Solidariedade Social – **AGUINENSO**, nos termos e para os efeitos do art.º 26.º n.º 2, que diz o seguinte: *"A Assembleia geral reunir-se-á em sessão extraordinária quando convocada pelo* ***presidente da mesa da assembleia geral****, por iniciativa deste, a pedido da Direção ou do Conselho Fiscal ou a requerimento de, pelo menos, dez por cento dos associados no pleno gozo dos seus direitos"* e do art.º 27.º n.º 4.º, ambos dos Estatutos da nossa instituição para a Sessão Extraordinária a realizar no próximo dia **15 de junho, sábado, às 16 horas, no Espaço Fernando Ká**, na Av. João Paulo II, Lote 537, Loja – A, Bairro do Condado, 1950-157 Lisboa - PORTUGAL, com o seguinte:

I – Informações.

II – Ordem de Trabalho.

1. Apresentação, apreciação e votação do relatório e contas de Gerência da Associação e Parecer do Conselho Fiscal do mandato de 2020-2023.
2. Apreciação e aprovação da proposta da alteração de Estatutos, nos termos e para os efeitos do art.º 28.º, alínea e) e do Decreto-Lei n.º 172-A/2014.
3. Organização das eleições dos Órgãos Sociais para mandato de 2024/2028.
4. Outros assuntos relevantes para nossa comunidade.

Nos termos e para os efeitos do art.º 28.º n.º 1.º, *"A assembleia geral reunir-se-á à hora marcada na convocatória se estiver presente mais de metade dos seus associados com direito a voto, ou uma hora depois com qualquer número de presentes."*

Lisboa, aos 24 dias do mês de maio de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia
Társio Vieira
Sócio n.º 2951




Diario de Noticias

NOVA LITERATURA brasileira

AS FESTAS DO BUÇACO

TEATRO PORTUGUÊS E TEATRO FRANCÊS

A VIAGEM AÉREA Lisbôa-Macau

Acôrdos comerciais

VEJA-SE NA

TODOS OS DIAS...

A TRAGEDIA DOS OLIVAIS

NO COLISEU

DIAMANTE VERDE

VIDA POLITICA

ESCOLA NAVAL

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 31 DE MAIO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)
FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal
REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima
CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira
Propriedade e Tipografia da Empresa Diario de Noticias

A TRAGEDIA DOS OLIVAIS

O depoimento duma testemunha — Autopsia do cabo Neves — O seu funeral realiza-se amanhã devendo revestir grande imponencia

Ouvimos ontem uma testemunha dos graves acontecimentos dos Olivais, em que ficaram mortos o malogrado agente de policia Neves e três membros da «Legião Vermelha», Silva Pinheiro, Ezequiel Seigo e Domingos Silva, «O Maneta».

Essa testemunha confirma inteiramente a nossa informação, a que junta um ou outro pormenor secundario que não alteram fundamentalmente a circunstancia.

Os agentes partiram de automovel, muito cedo, para essa diligencia, em virtude de denuncia que se confirmou pela presença dos criminosos, tendo chegado ao posto dos Olivais cêrca das seis horas da manhã.

Ali conferenciaram com o comandante do posto, tendo tomado depois uma pequena refeição. Os policias de Lisboa foram depois acompanhados por dois guardas e o comandante do posto dos Olivais. O automovel seguiu pela estrada fóra e, quando se aproximava da Fabrica do Zarcão, foram vistos os quatro jovens comunistas, dois encostados ao muro da fabrica e outros sobre o talude que orla o campo de trigo. O automovel parou a uma distancia de cinco metros, tendo-se apeado os cabos Neves e Santos.

O primeiro intimou o «Maneta» a aproximar-se. Este hesitou, cobrou animo e fugiu em direcção ao campo de trigo. Foi então que o cabo Neves o perseguiu, mas fazendo sempre tiros para o ar. Em dado momento o «Maneta» voltou-se e disparou a pistola, matando o cabo Neves. Um outro agente que o seguia fez pontaria e desfechou caindo logo varado o Domingos Silva. Enquanto isto se passava, os dois que tinham ficado junto da entrada da fabrica, fugiram, indo refugiar-se na casa da caldeira. Daqui saltaram um muro, tendo-se escondido na fabrica de rolhas do Bayão, onde a policia os foi surpreender. Ao verem os policias saltaram um outro muro, e fugiram para os lados de Cabo Ruivo. Quando se apanharam em campo aberto começaram a disparar os revolveres contra os seus perseguidores, até que estes, ripostando, os feriram mortalmente. O «Gavroche» esteve largo tempo junto do «chauffeur», que não sabia o que se estava passando. Vendo-se sózinho começou a correr até se perder de vista, e, apesar de ter sido perseguido por algum tempo, conseguiu escapar-se.

Não obstante a hora em que estes factos se passaram, depois deste combate juntou-se muita gente perto da fabrica do zarcão, comentando o que se havia passado.

Como dissémos, as vitimas foram transportadas para Lisboa no automovel da policia e num carro da Cruz Vermelha que foi requisitado pelo posto dos Olivais.

O cabo Neves, quando esteve a comer, mostrava-se muito bem disposto e tinha a intenção apenas de prender os indigitados assaltantes, o que se prova por ter disparado para o ar o revolver, quando perseguia o «Maneta», intenção que veio a custar-lhe a vida.

No Altinho dos Olivais, sitio onde se passaram os factos que temos narrado, apareceram nas arvores e nas paredes inscrições afrontosas para a policia.

Dois agentes da P. S. E., que ali foram ontem para prosseguimento das averiguações, prenderam Alberto Gil, por estar a proferir palavras de ameaça contra a policia, conduzindo-o a seguir para o governo civil.

*

(Continua na 2.ª pagina



A NOVA LITERATURA brasileira

Graça Aranha e os escritores novos do Brasil — Algumas figuras da nova geração — O morro do Castelo e a velha literatura brasileira

Portugal e o Brasil são dois irmãos queridos que vivem afastados... Lembram-se muito um do outro mas nunca se escrevem... Portugal e o Brasil se viessem, novamente, a encontrar-se juntos, já não se conheceriam... O intercambio tem sido mal orientado. As missões intelectuais que atravessam o Atlantico dirigem-se a um Brasil que Portugal já conhece, ao Brasil oficial, ao Brasil academico. Ficam á superficie, ficam nas cidades... Ora o verdadeiro Brasil não se encontra nos banquetes nem nas festas de homenagem. O verdadeiro Brasil, o Brasil que tem expressão e raça, vive escondido, procura a solidão, tem o orgulho de não se exibir, de não se meter com ninguem... E' preciso descobri-lo, é preciso trazê-lo para a luz, fotografá-lo á «contre-cœur»...

Da literatura brasileira, por exemplo, conhecem-se apenas meia duzia de nomes. Esses nomes, porém, gloriosos e fortes, pertencem a um Brasil que já

Graça Aranha

hoje não existe, a um Brasil que se recorda com saudade, que se respeita mas que já não está coerente com o movimento da Avenida Central e com as obras do Morro do Castelo...

A literatura brasileira está vivendo uma hora de renovação, está-se libertando da onda de romantismo que a inundou, que lhe deu uma alta expressão, mas uma expressão retorica. A literatura brasileira voou muito alto nos poemas de Castro Alves e de todos os «condoreiros»... Precisa descer um pouco, agarrar-se mais á vida, intêgrar-se na atmosfera trepidante e sonora do Brasil moderno, acompanhar as locomotivas que vão rasgando as florestas e vão semeando cidades pelas terras incultas do interior...

Essa actualização da literatura brasileira começa a desenhar-se..O primeiro impulso foi dado, num belo exemplo que é preciso mostrar a Portugal, pelo academico Graça Aranha, o autor do «Chanaan», romance eterno, romance em bronze...

Graça Aranha viveu alguns anos em Paris na intimidade de Paul Claudel e de outros escritores modernos. Paris indicou-lhe a hora oficial da Arte contemporanea. Verificou que o seu relogio estava certo mas lembrou-se de que não acontecia o mesmo no Brasil, lembrou-se de que havia por lá alguns mostradores onde os ponteiros marchavam com lentidão, sem impaciencias e sem febre... Regressou ao Brasil e, apesar de academico, pronunciou-se contra a Academia e contra o seu espirito de rotina. Graça Aranha, o velho amigo de Machado de Assis, um dos primeiros academicos, diplomata de categoria, investiu corajosamente contra os filisteus, colocou-se no alto da barricada e soltou o primeiro grito de guerra no espectaculo inaugural da Semana de Arte Moderna realizada em S. Paulo. Elysio de Carvalho e Paulo Prado, contemporaneos de Graça Aranha, acompanharam-no, rejuvenesceram, com ele, no combate sem treguas contra as velhas formulas, contra os preconceitos encanecidos... O discurso de Graça Aranha, em S. Paulo, foi o toque de reunir. Todos os brasileiros novos, todos aqueles que desejavam uma literatura tão moderna como o Brasil, vieram colocar-se ao lado de Graça Aranha, armados com a sua mocidade e com a sua fé, dispostos á grande guerra, ultimos bandeirantes, bandeirantes da Arte e da Beleza... E pouco a pouco, toda uma geração se foi afirmando, uma geração que olhou a paisagem brasileira com novos olhos, que encontrou sintese e grandes linhas numa vegetação aparentemente luxuriosa e prolixa...

Ronald de Carvalho, que ama o presente sem desdenhar o passado, escreveu esses admiraveis «Epigramas Ironicos e Sentimentais» onde o Brasil é desenhado a quatro traços, á japonesa, á maneira de Fugita... Alvaro Moreira, grande escritor para quem a vida é um livro de anedoctas, escreveu «Um sorriso para tudo...», sorriso triste, muitas vezes... Olegario Mariano, o ultimo romantico do Brasil, escreveu as «Ultimas cigarras», cigarras cantantes e boemias... Renato Viana, demolidor do velho teatro brasileiro, escreveu a «Salomé», a Salomé de hoje, aquela Salomé de cabelos oxigenados e labios de tinta encarnada, que dança em todas as vidas... Paulo Torres, o poeta da cidade coleante que é a Capital Federal, escreveu «A' hora da neblina», livro enternecido onde se canta um vestido como se canta um corpo, onde se beija uma luva como se beija certa mão... Renato Almeida, o profeta do movimento modernista brasileiro, é o autor do «Fausto», obra que é um oceano de ideias novas... Onestaldo Pennafort, poeta que tem o recolhimento dum verso de Samain, escreveu o «Perfume», ritmos de seda e veludo.. Mario Ferreira, Peregrino Junior e Buarque de Holanda anunciam, constantemente, a hora da partida nas colunas dos jornais... Tristão de Ataíde e Agripino Grieco são os criticos da gente nova, criticos serenos que vão separando, tranquilamente, o trigo do joio...

Mas foi em S. Paulo, depois da Semana de Arte Moderna, que o movimento atingiu a maré-cheia... Os escritores modernos paulistas reuniram-se na revista «Klaxon» e largaram a toda a velocidade... Monteiro Lobato, escritor regional desempoeirado, auxiliou o movimento com a fundação duma casa editora que é hoje uma das mais importantes do Brasil. O milionario Paulo Prado, que lembra o Diaghilew dos «Bailados Russos» sacrificando a sua fortuna ao triunfo da Arte moderna, pôs todos os seus bens á disposição dos escritores novos de S. Paulo. Oswald de Andrade, o grande romancista de «Os condenados», é o animador do movimento, o guerrilheiro mais audacioso... Foi a Paris, conviveu com Jean Cocteau, Jules Romains, Max Jacob e convenceu Blaise de Cendrars, o indomavel Blaise de Cendrars, a ir ao Brasil fazer uma «tournée» de conferencias. Guilherme de Almeida, poeta de versos sossegados como bonecas de seda, decide-se, um dia, a dizer tudo quanto lhe vai na alma e escreve «Era uma vez...» Menotti del Pichia, imaginario, vai engrandecendo a catedral gotica da sua Arte... Mario de Andrade é o proprio «Klaxon», a busina atroadora a abrir caminho... Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Francisco Lagreca, Serge Milliet, Tasso de Almeida, Couto de Barros, Luís Aranha, René Thiollier, Carlos Drumond. Eneas Ferraz, Rocha Ferreira, Candido Mota Filho, Rubens de Morais, Joaquim Inojosa, Paulo de Magalhães e muitos mais, comandam, em varios pontos do Brasil, guerrilhas modernistas, grupos de bandeirantes...

Neste artigo, onde procurei fazer, rapidamente, um balanço de alguns valores novos do Brasil, do Brasil que deseja modernizar-se, não ha a menor falta de respeito pelo velho Brasil, pelo Brasil de Rui Barbosa, de Coelho Neto, de Machado de Assis, de D. Julia Lopes de Almeida, de Afranio Peixoto, de Euclides da Cunha e de tantos outros. Neste momento encontra-se, justamente, em Lisboa um representante desse glorioso Brasil literario, academico que tem sabido conservar-se livre, que tem sabido conservar-se novo... Quero referir-me a Filinto de Almeida, pai desse poeta intimo, poeta do lar e do amor, que é Afonso Lopes de Almeida. Cardoso de Oliveira, o ilustre embaixador do Brasil, é outro representante desse Brasil que ha-de viver sempre na saudade. O Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, está a ser destruido... A cidade tende a alargar-se e aquele Morro é uma parede que lhe impede o natural desenvol-



Dr. Cardoso de Oliveira

vimento. O Morro do Castelo é um simbolo. A velha literatura brasileira é um morro glorioso, morro dum castelo encantado onde pousaram aguias e onde viveram principes lendarios... Mas a literatura brasileira precisa de ser actualizada, precisa de modernizar-se. O morro do Castelo da Retorica opõe-se a essa renovação, a essa marcha para o futuro... Urge destrui-lo. Destruir-lhe a forma e guardar-lhe o espirito. Graça Aranha e os seus companheiros não devem descansar. Se não destroem os varios morros que rodeiam a alma brasileira, a alma da raça, arriscam-se a ficar emparedados...

ANTONIO FERRO.



lotaria popular
EXTRAÇÃO: 022/2024
1.º PRÉMIO: 47134
2.º PRÉMIO: 28243
3.º PRÉMIO: 62203

EURODREAMS
SORTEIO: 044/2024
CHAVE: 4-10-11-17-24-39 + 5

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Thirty seconds... em concerto que de secreto teve muito pouco

Após um grande espetáculo de sexta-feira à noite no MEO Arena, os Thirty Seconds to Mars decidiram dar um "concerto secreto" acústico em plena Praça do Comércio, ontem, a meio da tarde. Secreto só para quem não vira a *story* no Instagram do líder da banda, Jared Leto, a anunciar o evento. Os fãs, claro, acorreram com o entusiasmo que a foto demonstra. Não é a primeira vez que o grupo dá um presente destes aos seus seus fiéis seguidores – já o fizera noutras cidades pelo mundo e também em Portugal, em 2013. Na altura, o local escolhido para a "surpresa" foi o Chiado.


GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Melo com militares em missão "do lado certo da História"

LITUÂNIA Ministro da Defesa esteve a visitar missões portuguesas no exterior e falava na base aérea de Siauliai, onde se encontram quatro F-16 da Força Aérea.

O ministro da Defesa, Nuno Melo,realizou ontem a primeira visita a missões portuguesas no exterior, afirmando no destacamento de caças F-16 na Lituânia que a presença das forças nacionais na região coloca Portugal no "lado certo da história".

O ministro aludia à guerra na Ucrânia, iniciada pela invasão russa em fevereiro de 2022, que conferiu uma nova relevância às missões dos F-16 da Força Aérea e do Corpo de Fuzileiros da Marinha, com as suas missões de patrulhamento no Mar Báltico no âmbito da NATO.

Em declarações à Lusa e à TVI/CNN, na base aérea de Siauliai, na Lituânia, onde estão colocados quatro caças de combate F-16 e 87 militares portugueses, Nuno Melo disse que a missão de vigilância na região do Báltico vai prosseguir no futuro, pelo menos através da Força Aérea. "A presença portuguesa junto a esta fronteira tão sensível ficará também assegurada em relação ao futuro através da Força Aérea, mas não apenas", indicou o ministro, sem mais detalhes.

Para o ministro da Defesa, esta presença na Lituânia, vizinha do enclave russo de Kalinegrado, "mostra como Portugal consegue estar do lado certo da história", juntamente com aqueles que "defendem a democracia e a liberdade contra as ditaduras e a opressão".

Nos últimos dias, vários parceiros da Ucrânia têm defendido o uso de armamento ocidental pelas forças de Kiev contra alvos militares em território russo, mas o assunto continua a dividir os aliados.

Na quarta-feira, Nuno Melo também se mostrou favorável a que as forças ucranianas visem solo russo, quando questionado sobre o assunto à margem do Fórum Schuman em Bruxelas, mas ressalvou que se tratava de uma posição pessoal que não vinculava o Governo. Ontem não quis adiantar "nem mais uma linha nem mais uma palavra ao que foi dito e reproduzido", observando apenas que se referiu a "operações defensivas com tudo o que isso implica", acrescentando: "Quem percebe de contexto militar, sabe do que estou a falar".

DN/LUSA

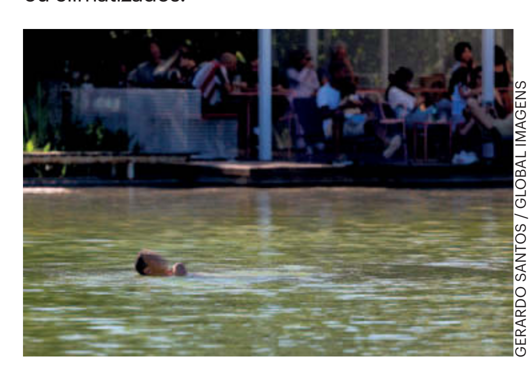


Roland Garros corta álcool a todos os espectadores

A organização de Roland Garros eliminou o consumo de álcool no complexo e reforçou a intervenção dos árbitros nas partidas de ténis devido aos recentes "comportamentos inadequados" dos adeptos nas bancadas, anunciou ontem a diretora Amélie Mauresmo. Durante as primeiras jornadas do segundo Grand Slam da temporada, os tenistas David Goffin e Iga Swiatek, número um mundial e três vezes campeã na terra batida parisiense, queixaram-se de incidentes com espectadores durante os respetivos encontros, incluindo ofensas verbais e o lançamento de pastilhas elásticas. "Ficamos felizes em ver que existe ambiente, emoções e que os espectadores estão presentes. Mas seremos intransigentes no respeito pelos jogadores e no respeito ao jogo. Se houver o menor comportamento além do limite, haverá intervenção", disse Mauresmo, ex-tenista francesa, em conferência de imprensa. Assim, Roland Garros impediu a existência de álcool em todo o complexo e uma maior intervenção dos árbitros.

Calor em dia de feriado encheu zonas com água

Com os termómetros a bater ontem os 30º na zona de Lisboa, centenas de pessoas procuraram as zonas junto ao mar ou o rio para se tentar refrescar (ver foto). Segundo o Instituto do Mar e da Atmosfera (IPMA), esta onda de calor que está a fazer-se sentir um pouco por todo o país vai mesmo agravar-se nos próximos dias, prevendo-se para hoje temperaturas próximas dos 40º para o Alentejo – na generalidade do território, incluindo a capital, a máxima deverá ultrapassar os 30. Também a temperatura mínima deverá subir, aguardando-se valores entre os 20 e os 22 graus na Beira Baixa, Alto Alentejo e sotavento algarvio para este dia. O IPMA alerta que estas condições meteorológicas, associadas a valores baixos da humidade relativa do ar, resultarão num aumento significativo do perigo de incêndio rural. Já a Direção-Geral da Saúde recomendou a adoção de medidas de proteção adicionais, como a escolha de ambientes frescos e arejados, ou climatizados.


GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



